

CONTEXTO



MAIS QUE A IDADE

Superações, lembranças, sonhos e muita história. A vida de quem acumula tempo e experiência.

índice

Idade da Aventura
página 4

O Amor Ajuda a Lembrar
página 8

Marcas Que Antecedem o Tempo
página 10

Quando Arte Não Tem Idade
página 12

Livres Como o Tempo
página 14

Mentes em Busca de Paz
Página 20

Política Públicas
página 25

Datas de Uma Vida
página 26

A Cadeia Envelhece
página 28

Corpos Que Resistem
página 30

Baile com a Vida
página 33

Amor Sem Tempo
página 34

Oito Décadas de Uma Rotina
Página 38

Uma Casa de Lembranças
página 40



Colaboradores: Artur Bezerra, Aysla Sabrina Dias Pereira, Bárbara Benetti, Samara Vargas, Bruna Eloísa de França, Júlia Vieira Ferreira, Bruna Costa, Kauan Vargas, Laura Testoni, Lyandra Machado, Juliana Bendini, Marcela Engel, Marcelo Gouvea, Isabeli Nascimento.
Professor responsável: Prof. MSc. Vinicius Batista



COBAIA

JORNAL-LABORATÓRIO DO CURSO
DE JORNALISMO DA UNIVALI

jornalcobaia.com.br





IDADE DA AVENTURA

Depois de uma vida inteira, o privilégio de viver tudo o que sonhou durante anos

// Texto *Artur Bezerra*

Para muitos, a chegada da terceira idade pode parecer assustadora. Porém, o cumprimento de vários desafios, como criar os filhos, terminar uma jornada de anos de trabalho rumo à aposentadoria e ter mais tempo para se dedicar a outras atividades também pode ser motivo para viver grandes aventuras. Encantar-se com a chance de conhecer novos lugares e tornar-se mochileiro, encarar uma nova atividade nas alturas das montanhas sem perder o fôlego, se preparar para viajar até o fim do mundo de bike ou moto, ou até mesmo desfilar abrindo um desfile de moda são algumas das aventuras que podem ser vividas na terceira idade.

É possível perceber que as histórias das aventuras por quase 40 países são o energético de Rosicler Cansian Engel, 71 anos, e Eloy José Francisco Engel, 76, quando os dois chegam para a entrevista, abraçados a vários álbuns de fotografias e diários de bordo. A empolgação em contar todas as experiências também denuncia a paixão pelas aventuras que o casal se desafia a viver pelo menos uma

vez por ano. As viagens começaram depois da aposentadoria. O plano primário era conhecer alguns destinos nacionais. Feito isso, em 2012 o convite de um sobrinho permitiu aos dois alçarem voos mais longos e, com mochila nas costas, Rosicler e Eloy percorreram destinos incríveis. “Eu só tinha carregado na vida uma bolsinha tiracolo. De repente pegar uma mochila e ir para a estrada fez eu me sentir uma guria, uma menina indo pela floresta”, conta a aposentada.

Rosicler explica que as viagens são planejadas mediante um cronograma que se adapte aos destinos e dias fora de casa. Exemplo dessas preparações foi a viagem feita em 2018 para completar 252km do caminho francês de Santiago de Compostela, que exigiu cerca de 9 meses de caminhadas com mochilas e cajados para uma melhor adaptação. A prática assustou um pouco por ser um caminho mais íngreme e com pedras, mas Rosicler garante que o espírito aventureiro superou todo o cansaço. “Principalmente devido à nossa idade, eu achei que a gen-

te não ia aguentar. Mas no fim foi tão fácil que a vontade é ir de novo”, conta. Já Eloy explica que só o roteiro não basta, é preciso ter também disposição. Ele conta que apesar dos desafios, a viagem não foi um sofrimento e sim um passeio repleto de histórias para a vida. “Quando chega no fim, a vontade é de que tenha mais quilómetros pela frente.”

Para ela, as viagens permitem não estar bitolado no próprio conforto e perceber que há dificuldades e que a vida não se limita apenas às 24 horas dentro do próprio lar com a família e suas atribuições. O que Rosicler considera o mais incrível das viagens é poder conhecer os lugares que eram estudados na infância, durante aulas de história e geografia. “Você estudou assuntos sobre a Europa, mas estava tão longe quando era mais novo e de repente você está passeando pelo Rio Sena. Você sonha com os castelos da Europa e de repente vai em um. Isso arrepia!”. Ela destaca ainda um benefício que a terceira idade proporciona quando o assunto é pé na estrada: poder desfrutar dos lugares, sem hora para voltar e absorver tudo o que é possível.

Entre os destinos visitados, o aposentado considera a viagem à Europa uma das mais memoráveis, principalmente pela proximidade que tem com a história da família, pelos antepassados que vieram da região. “É um passado da história que a gente está incluído.” O cumprimento dos roteiros garante mais disposição para enfrentar os desafios seguintes. No próximo ano querem fazer mais um dos trajetos do caminho de Santiago de Compostela.





Fotos: Fulano de Tal

Hipie, viajante e descolado

Por ser um veículo prático e compacto, durante o matrimônio Dolor Silva, 66 anos, e Angela Maria Schmitt da Silva, 64, sempre tiveram na garagem uma moto. A história teria se limitado apenas a esse fato se, depois de criar os filhos, em 1999 o casal não tivesse comprado uma Honda Valkyrie, carinhosamente apelidada de Valkyria, e se disposto a uma grande aventura dois anos depois: viajar 75.000 quilômetros entre os extremos mais longínquos que podem ser alcançados via terrestre, entre Ushuaia, no sul da Argentina, e Prudhoe Bay, no norte do Alasca. “Nós tínhamos uma contagem regressiva para que quando estivéssemos formados sob o ponto de vista moral, educacional e profissional, pudéssemos voltar o casal um para o outro depois de uma jornada e escrever uma nova página da nossa vida, em cima de uma motocicleta”, conta ele.

A paixão pelo equilíbrio em duas rodas motivou Dolor a fundar o grupo Fazedores de Chuva, formado por motociclistas que propõem desafios sobre duas rodas. O empresário acredita que as aventuras não são necessariamente sinônimo de longas distâncias, por isso, junto com o Fazedores de Chuva, percorreu 17.000 quilômetros por Santa Catarina para conhecer todas as 295 cidades do Estado. “O importante é sair da própria rotina e se lançar. A felicidade está conosco, onde nós estamos”, explica Dolor. A ideia agora é voltar à estrada sob duas rodas e novos destinos.

Quando jovem, em 1969, Dolor passava as tardes ouvindo

os discos do festival de Woodstock na radiola de seu amigo. A história continua agora, após o casal se propor a uma super aventura: Viajar com os 4 netos para estado de Nova York, nos Estados Unidos, e participarem do Woodstock 50, nome escolhido para a nova edição do festival de Woodstock. Dolor explica

que os filhos não irão junto por uma razão simples: “Não estarão vivos daqui há cinquenta anos, somente meus netos. Então eles assumiram o compromisso de levarem parte de nossas cinzas e espalharem onde acontecer o festival de 100 anos de Woodstock.”

A 38ª edição do Balneário Fashion Show em 2019, no Balneário Shopping, celebrou o poder transformador da arte a partir da efusão criativa da revolucionária artista plástica Frida Kahlo, um ícone que trouxe ao mundo um estilo único e inovador. Os organizadores do evento precisavam de alguém exótico e foi então que Dolor foi convidado para encarar as passarelas da moda. O empresário aceitou o convite imediatamente e então foi um dos modelos a desfilarem abrindo o evento em tom super descolado sob aplausos da plateia, in-

clusive da primeira fila, onde estavam sua mãe Iraci, a esposa Angela, a filha Paula e o neto Pedro. De acordo com ele, a experiência foi interessante, uma brincadeira adorável. “Só tinham garotos, jovens e eu lá no meio como manequim sendo chamado de senhor: ‘Olha, o senhor vem para cá, vai para lá’, diziam.”

“
Quando jovem, Dolor passava as tardes ouvindo os discos do festival de Woodstock

Quando corpo e espírito não “batem”

Depois de praticar alguns anos de yoga, ciclismo e karatê, Antônio Domingues, 63 anos, resolveu se aventurar em outra modalidade: o alpinismo. As aventuras começaram há um ano, quando ele entrou em um grupo de montanhismo feito por um educador físico e, pelo menos uma vez por mês, participa das atividades propostas pela equipe. Entre os lugares onde Antônio já escalou está o Morro Monte Cristã, em Garuva, Morro dos Bugres, em Joinville, e Morro do Cambirela, em Palhoça. E foi justamente em um dia de montanhismo subindo o morro do Cambirela que Antônio foi convidado pelos colegas para irem de bicicleta até Ushuaia, na Argentina. O convite foi aceito sem pestanejar, mas depois de analisar o plano dos amigos, acabou adiando a viagem. “Não combinaram as ideias. Eles pretendem ir de bicicleta e voltar de avião. Eu estou quase me aposentando, então quero ir com tempo disponível para voltar pedalando também, sem precisar vender meu equipamento lá.” A viagem ainda não tem data para acontecer, mas deve ser assim que Antônio se aposentar.

A psicóloga Katia Ploner explica que é importante existir lazer para todas as pessoas, em qualquer idade, e que disponibi-

lizar um tempo para ser vivido de forma prazerosa é fundamental para saúde mental. De acordo com a especialista em terceira idade, durante essa fase que coincide com a aposentadoria, as pessoas têm o tempo livre, uma renda e autonomia para buscar atividades que lhe dão prazer. Logo, a terceira idade é o período onde é possível fazer o que se gosta como viajar, passear, se divertir com os amigos buscar novos interesses e desenvolver novas atividades.

A melhor idade, como é conhecida, pode ser feita também das melhores aventuras. É possível enxergar essa fase como Dolor: “Penso em entrar com uma ação pedindo a alteração da minha idade. É exatamente como me sinto, apesar de precisar falar isso apenas para o corpo. A carcaça já sente o desgaste desses anos, mas o espírito está na faixa etária dos 28 anos”. Ou ainda como Rosicler: “Eu tenho amigos que não gostam da terceira idade. Eu acho fabuloso. Você cumpriu uma missão. Criou os filhos, batalhou, trabalhou e agora é hora de renascer.

Apesar das rugas no rosto, é possível ter a alma de um jovem, uma guria”. A terceira idade permite também viver como Eloy. Ele vê as aventuras como um parâmetro para seguir em frente, buscando vida e não ficando parado esperando a morte.



A carcaça já sente o desgaste desses anos, mas o espírito está na faixa etária dos 28 anos





O AMOR AJUDA A LEMBRAR

As difíceis adaptações e trajetórias de quem tem que aprender a conviver com a doença de Alzheimer

// Texto *Aysla Sabrina Dias Pereira*

A memória já não é a mesma, se tornou difícil manter o diálogo e recordar assuntos recentes. É mais fácil reviver o passado do que viver o presente, a conversa flui até certo ponto, mas em um piscar de olhos, tudo o que fora conversado já não existe mais. O Alzheimer atua silenciosamente, não tem cura e a mente humana continua um mistério. Os idosos são os mais afetados. A história de suas vidas continua viva, mas nem sempre são eles a contá-las.

Elfrida Momm Diemom, 93 anos, mais conhecida como Dona Frida, nasceu na Alemanha em 22 de dezem-

bro de 1925. Anos depois, veio com a família para o Brasil em um período de dificuldades financeiras. Foi aqui que ela conheceu seu falecido marido, Arnaldo Diemon, com quem foi casada 50 anos.

O relacionamento do casal quase terminou com a chegada da 2ª Guerra Mundial. Arnaldo foi convocado para servir ao exército. Após voltar, um cargo foi oferecido ao marido de Elfrida, que estava grávida e não permitiu que o parceiro a deixasse sozinha. Ao todo, tiveram 12 filhos, fruto do amor de Arnaldo e Frida ao longo dos anos.

As mãos delicadas de Dona Frida passeiam pelas fotos no álbum de família. Algumas imagens ainda são semelhantes para ela, outras nem tanto. Rita de Cássia Diemom, 22 anos, fala sobre o relacionamento dos avós e como a morte de Arnaldo agravou o Alzheimer da vó. “Eles eram muito próximos, nunca brigavam, se respeitavam e cuidavam um do outro. Faz um ano que ele faleceu e a doença dela piorou após isso”, observa Rita.

A presença dos filhos e netos é importante. Rita comenta que conversa muito com a avó e que a família aprendeu a lidar com a doença. Os filhos estão sempre presentes, pois alguns são vizinhos e procuram estar presentes na vida da mãe.

Com um sorriso simpático e acolhedor, Narciso Pilloni, 79 anos, passa suas tardes tomando chimarrão e proseando com a companheira Dorilda Ribeiro Pilloni, 75 anos, com quem é casado há exatos 50 anos. A união do casal gerou três filhos. Um deles é a Lori Pilloni Meurer, 44 anos, que após descobrir a doença do pai, o buscou para morar com ela e receber cuidados da família.

Narciso está mais forte agora. Nos últimos dois meses, quando descobriu a doença, estava pesando apenas 49 kg. Agora, com cuidados da família, conseguiu alcançar 56 kg, obtendo mais ânimo para seguir adiante.

No meio da conversa, Narciso comenta algo que o assustou. Ele não pensava que a doença fosse o ferir, pois “não tinha medo”, mas um dia percebeu que algo estava acontecendo. “Eu acordei um dia, olhei para os meus braços e eu estava apenas a pele e o osso, mas não estava sentindo dor. Essa doença faz isso com você, não percebe o que está acontecendo”, conclui Narciso.

A doença está no estágio inicial. Tomando medicamentos e recebendo acompanhamento médico, a família luta para que o Alzheimer não evolua. “Ele apresenta leves esquecimentos. O que acontece com frequência são as recordações do passado dele. No meio da conversa ele recorda de quando era novo e segue essa linha de raciocínio”, comenta a esposa.

Dorilda estava ficando doente junto ao marido antes de ir morar com Lori. Ela lembra de como era difícil, pois o marido passava o dia inteiro sentado na varanda sem falar com ninguém. Agora com a família em volta, o idoso se comunica mais, se envolve mais, e os ajuda a lidar com a doença.



A saúde

A psicóloga Kátia Simone Ploner, coordenadora da sub-regional da Associação Brasileira de Alzheimer (ABRAAZ) em Itajaí (GEAZ - Grupo de Estudo e Apoio), fala sobre a presença familiar ao lidar com o Alzheimer na terceira idade. “O cuidado, carinho e atenção familiar auxilia na criação de um contexto de apoio e promove qualidade de vida para a pessoa que tem a doença, mas não significa que irá modificar o curso da doença. Vai impactar nos sintomas como irritabilidade, agressividade, entre outros sintomas. Com conhecimento de como lidar com a situação todo o contexto vai melhorar”, explica Kátia.

A psicóloga fala sobre a importância de conhecer a doença e destaca as formas de se obter esse conhecimento. “No Brasil temos ABRAAZ - Associação Brasileira de Alzheimer. São grupos de apoio ao cuidador para fornecer informações sobre as formas de lidar melhor com essa situação”.

A história de Dona Frida e Narciso mostra a importância do apoio da família, juntamente com o acompanhamento médico para a saúde e bem-estar do idoso com Alzheimer. O amor leva a resultados significativos. Buscar aprender e se integrar na nova perspectiva vivida pelo idoso é um dos caminhos para lidar com a doença. Ainda sem previsão de cura, as famílias aguardam por uma solução, pois a doença não leva apenas memórias.

MARCAS QUE ANTECEDEM O TEMPO

Ainda um leve tabu, em qualquer idade, a tatuagem reserva ainda mais histórias para os idosos

// Texto *Bárbara Benetti*

Na lápide, a frase: “Não importa se vou para o céu ou para o inferno, eu tenho amigos nos dois lugares”. Na certidão de óbito, a profissão que consta como “vagabundo”. No cortejo fúnebre, seus amigos riram e se divertiram com ele. Sim, Antônio Stoppa ainda não morreu, mas sente prazer em brincar sobre essa questão. Com uma lápide preta e reluzente acima da cama - que por enquanto só mostra sua data de nascimento - o homem de 69 anos ri e se diverte enquanto mostra seus pertences em um ateliê localizado perto da casa onde vive, em

Florianópolis.

A quantidade de material que Stoppa juntou durante seus anos de vida é impressionante: pilhas e mais pilhas de jornais com notícias que o citam, objetos dos muitos lugares do mundo que já visitou e diversos outros elementos que formam uma parte de quem ele é. Porém, o mais impressionante são as histórias por trás e além dessas peças. Com mais de 100 sessões de tatuagens feitas no corpo e tendo como profissão real o título de tatuador, Antônio tem boa parte de sua vida relacionada às tatuagens.



Contra os esteriótipos

Com origem paulista, ele começou a tatuar ainda em 1978, após fazer uma tatuagem com um dinamarquês que também ensinou a ele o ofício. Diz que pensou que não era tão difícil, uma vez que já desenhava. Em 85, veio para Florianópolis e hoje comenta sobre a juventude e sua experiência como tatuador e tatuado.

Passou por algumas situações difíceis pelo estilo de vida que decidiu levar. Sua mãe, por exemplo, não aceitava as tatuagens, pois, por questões religiosas, acreditava que não era certo fazer, além, claro, do estereótipo de bandido que acompanhava a mentalidade da época. Stoppa comenta que a tatuagem era realmente algo que somente bandidos tinham quando todo mundo começou a fazer. Ele mesmo afirma que tatuou diversos homens que queriam cobrir suas tatuagens já marcadas pela polícia local para que não fossem mais reconhecidos pelos oficiais. E não foi só essa experiência que ele teve para descobrir que tatuagens eram conhecidas como características de foras da lei. Antônio foi levado diversas vezes para delegacias por causa de suas tatuagens e muitas vezes passava a noite por lá, já que naquela época não era tão fácil o acesso a celulares ou internet e todo processo de esperar o delegado chegar e verificar os an-

tecedentes era exaustivo.

Stoppa passou por diversas situações difíceis, contudo, apesar desses perrengues e de se machucar com os comentários maldosos, nunca se arrependeu das marcas que escolheu para carregar na pele. “A tatuagem é um outro jeito de você fazer amizades com as pessoas. O cara vinha, fazia a tatuagem, depois mandava mais e vinham mais dois ou três juntos, então virou uma bola de neve de amizade...Eu até brincava, vocês pagam pra sofrer comigo e ainda viram meus amigos.”

As constantes risadas, junto à característica puxada na barba comprida e branca que ele dá a cada poucos segundos para acompanhar a narração de suas histórias, fazem acreditar que esse bom humor, aliado ao sucesso de ser um pioneiro nas tatuagens, tenha ajudado Antônio a suportar as dificuldades.

Ele afirma se surpreender com as mudanças de pensamento em relação à tatuagem e como hoje em dia está se tornando mais fácil, afinal, ele mesmo já não sofre mais preconceitos. Com nostalgia, conta que atribuiu isso em grande parte à participação da televisão, que antes abominava e, hoje, tenta trazer com força personagens tatuados.

Em família

Mas nem todos fizeram tatuagens durante a juventude. Juraci Ferreira tem 68 anos e somente há dois fez sua primeira. Hoje, com uma rosa e uma borboleta nos tornozelos, conta que só teve coragem de se tatuar após a filha fazer o procedimento. No começo, afirma que achou a ideia horrível, mas, depois de conversar com tatuadores e ver pessoas de sua idade com desenhos pequenos, abriu sua mente.

Dona Juraci conta que apesar de ninguém nunca ter sido preconceituoso na sua frente, sabe que muitos de seus conhecidos pensam que quem tem tatuagem não é do bem e usa drogas. Ela diz que, embora de forma tímida, tenta defender. “Às vezes a gente se fecha em um mundo e não abre oportunidade para outras coisas, sabe? Se fecha em preconceitos, paradigmas... Mas eu fico feliz de ter a mente um pouco mais aberta em pelo menos conversar com pessoas ‘diferentes’ da minha realidade.

Já com Aldo e Rosemari Gil existiam dois pensamentos diferentes dentro do casamento, mas, por fim, seu Aldo modificou suas convicções e hoje tem diversas tatuagens, incluindo o rosto da esposa no braço esquerdo. Seu Aldo, atualmente com 69 anos, era totalmente contra a ideia de marcar a pele para sempre, até que um dia seu filho mais velho chega – e como eles sempre tinham o costume de andar sem camisa pela casa – ele estranha que o menino estivesse de camiseta. Depois de dar alguns tapas nas costas do filho para cumprimentar, desconfiou mais ainda das caretas de dor.

Rosemari, 65 anos, ri enquanto descreve a cena quando seu filho mostrou a tatuagem e seu marido foi para o quarto revoltado chorar, enquanto afirmava que não tinha mais autoridade na casa. Porém, o pensamento mudou de forma rápida. Rosemari sempre foi a favor e até tinha o desejo de fazer uma. Ao ver que alguém na família tinha feito, conversou com o marido e fez uma



também dois dias depois. “Hoje em dia na família as únicas pessoas que não possuem tatuagens são as minhas netas, que são bebês”.

Às vezes é o sentimento que define, inclusive, os desenhos que vão ser escolhidos para estar na pele. Edvaldo Barni, 68 anos, tem uma única tatuagem que, apagada pelos anos, parece mais uma escrita de tinta de caneta do que um desenho real. Ele conta que realizou ele mesmo o procedimento em um barco com uma agulha de costura.

Sua tatuagem marca sua pele e toda uma história de amor. Edvaldo tem o nome da esposa, com quem vive há 52 anos, tatuado na palma da mão. Hoje, acha que não vale a pena retocá-la ou fazer uma outra pela idade que tem. Tatuagens em pessoas que viveram muito são marcas, linhas do tempo capazes de reviver motivações, histórias, pensamentos, e como no caso de seu Barni e sua esposa, Aldo e Rosemari, seu Stoppa e suas amizades, e Dona Juraci e sua filha, elas são lembretes de histórias de amor e dos laços que se fortalecem através dessas marcas que antecedem o tempo.

QUANDO ARTE NÃO TEM IDADE

Encontrar no palco, na tela e nos passos a forma de alongar a vida é a escolha desses personagens

Foto: Fundação Cultural de Itajaí



// Texto *Samara Vargas*

Valentim Schmoeler e Ana Luiza Marcolina no espetáculo *Água Mole em Pedra Dura*, apresentado em abril em Itajaí

Alma teatral

Nascido em Tubarão, em 21 de abril de 1972, Valentim Schmoeler sempre teve o sonho de morar em Itajaí. Talvez na época seu pequeno coração não soubesse, mas a cidade viria a ser seu lar teatral no futuro.

Desde pequeno tinha uma ligação com a arte. Os relatos de suas irmãs mais velhas que moravam na capital e frequentavam muitas peças eram suficientes para dar asas à imaginação de Valentim.

Em junho de 1966 foi a estreia do pequeno Valentim no palco da escola que estudava, em um evento de festa junina. Apesar da vergonha em frente à multidão, ajudado pelo amigo que literalmente chutou seu traseiro, conseguiu recitar os versinhos que havia decorado para sua apresentação. Criado como coroinha na igreja, fazia da sua vida religiosa

um ensaio teatral, regendo toda a organização da missa. Da posição dos outros coroinhas, até como iriam se ajoelhar e o momento em que levantariam, nada passava despercebido da sua direção.

Em 1972 mudou-se para Itajaí e logo retomou as atividades dentro da igreja, dessa vez como responsável por um grupo de teatro dos coroinhas. Em seguida, criou o Grupo de Teatro Chave e obteve mais autonomia.

A trajetória artística mudou um pouco os rumos quando surgiu uma oportunidade de trabalhar na TV Paraná em Curitiba. Na época Valentim tinha o desejo de ser ator de televisão. “Meu sonho era aparecer naquele espelho mágico.”

Como num passe de mágica, eis que agora ele era um ator de televisão. Relata que a experiência nas telinhas foi maravilhosa e rendeu muitas percepções sobre o modo de fazer arte. Fazia séries, minisséries, fez até o primeiro programa piloto a cores da emissora na época. Sentindo a falta dos palcos e do calor da plateia, mudou de roteiro novamente, indo

em direção a Blumenau.

Em Blumenau trabalhou com a Equipe Vira-Lata e depois passou a viajar pelo estado de Santa Catarina através do teatro infantil. De volta a Itajaí, fundou com o amigo Toni Cunha a companhia de teatro Anchieta Teatral Produções, hoje Anchieta Artes Cênicas. Hoje aos 63 anos, Valentim é responsável pelo Anchieta Arte Cênica empresa, a associação, que possui o Bagagem Cênica, o AECA, que é a escola de teatro, e o CBT, que

é o curso básico de teatro. Valentim relembra toda a sua trajetória e como a inserção da arte em sua vida o moldou uma pessoa melhor, com uma visão mais colorida da vida e com o desejo de criar em seus alunos a mesma dedicação e respeito que aprendeu nos palcos.

“Eu acho que a vida foi tão generosa comigo, me proporcionou tantas alegrias através do teatro que eu não tenho que cobrar essas pessoas aqui dentro. Aqui tem pobre, rico, católico, espírita, evangélico, negro, branco...”

Dance e recrie o mundo

Gaúcha da cidadezinha de Alegrete, mas criada em Santa Maria, Elaine Gonçalves, 60 anos, sempre foi a artista da família. Com 9 anos iniciou no ballet clássico, sendo aluna de Ivone Freire, que era a expressão máxima da elegância na cidade. Até hoje a escola continua atuando na formação de grandes bailarinos.

Em Santa Maria, Elaine foi a responsável pela criação da primeira academia de dança jazz da cidade, em 1981, chamada Andança, que ela trouxe para Joinville quando mudou-se em 1989, quando continuou atuando nos espetáculos e festivais que eram promovidos.

Por meio do Festival de Dança de Joinville, dentro da Andança, montou o primeiro grupo de danças de rua chamado Street's Tribe, em parceria com seu colega Alex Bassan. Foram campeões em todos os festivais na década de 1990. “Quando nós entrávamos, sempre as pessoas aplaudiam porque nós éramos inusitados. As apresentações tinham um norte muito artístico que hoje você vê no Circo De Soleil, mas nós já fazíamos isso na década de 1990.”

Elaine mostra ter uma visão voltada às questões socioculturais quando se fala em dança. “A minha visão é de levar a dança para todas as camadas da comunidade, então a nossa criança dança, o nosso jovem dança, o nosso sênior dança.” A bailarina relata que a dança para a terceira idade segue metodologias próprias e não serve apenas como lazer. “Elas não vão lá apenas para se divertir como se fosse um baile”.

Aos 36 anos ela parou de atuar como bailarina, mas não se vê tão cedo longe dos palcos. Com mais de 30 anos de carreira, diz que ainda tem muito a contribuir com seu grupo de bailarinas ao qual dedica toda a sua experiência. “A minha inspiração é continuar ensinando. Quero ensinar até o último dia da minha vida. Não me vejo nunca estacionada, parada, me vejo sempre produzindo, trabalhando.”



Arte como identidade

A arte surgiu na vida de Encida aos 7 anos quando perdeu o pai. Lidar com a morte nunca foi algo fácil, mas através da arte, impulsionada pela mãe, começou a se identificar com os traços que fazia nas telas. Nascida no dia 29 de novembro de 1950 na cidade de Santo Antônio da Platina/PR, a artista começou desde cedo a realizar pequenas exposições na escola que frequentava.

Encida relata que teve uma interrupção em sua carreira por conta do seu casamento e do nascimento de suas filhas. Segundo ela é bem difícil conciliar os afazeres da casa e dos filhos com as demandas de uma artista. Voltou a dedicar-se a arte quando suas filhas já estavam crescidas. Como morava em São Paulo, começou a investir muito em cenografia, trabalhou muito com cenários de ballet, de teatro e depois foi trabalhar em televisão. Ela trabalhava com as produtoras de cinema, onde começou a se especializar em comerciais de televisão.

Ao mudar-se para Santa Catarina sentiu uma grande dificuldade em realizar as exposições que estava habituada, visto que a região não contava com muitos lugares para esse tipo de evento. Porém, como uma artista repleta de facetas e apaixonada pela inovação, começou a investir mais nas pinturas de quadros e na criação de instalações. Obras dela marcam presença desde 2000 na exposição itinerante A Cor da Água, voltada às questões de meio ambiente.

Ao entrar em seu pequeno ateliê e se deparar com as suas obras é possível sentir como se elas tivessem vida. Encida não tem um estilo próprio de pintar. Diz ter uma gama muito grande de atuação e que não gosta de se limitar. “A vida tem tanta coisa para ser explorada. Para quê ficar numa linha só se eu posso ter várias.”



p
so
ess

Poe

Ess
são t
horlela
são tan
vorecen
Conhe



LIVRES COMO O TEMPO

As lembranças e histórias de quem amou, mas também soube seguir em frente e descobriu os prazeres da idade

// Texto *Bruna Eloísa de França*
brunaeloisadefranca@gmail.com

O adocicado aroma de flores predomina no pequeno ambiente da cozinha com azulejos floridos e chão de madeira desbotado. Os armários exibem uma coletânea de lembranças vividas ao longo do casamento e fotografias de uma família que uma vez fora completa. O silêncio é um lembrete constante dos dias em que a casa próxima dos trilhos de trem era formada por um casal de idosos.

Os cabelos pouco mudaram de cor. Os fios brancos são escondidos constantemente por tintura e o sorriso pequeno tenta mascarar a saudade que sente do marido. Aos 78 anos de idade, as rugas contam mais histórias do que a memória é capaz de resgatar. Entre um momento e outro, Anna Baum entrelaça as mãos no colo e conta os momentos vividos ao lado de Chico durante os 59 anos de casamento.

Era 1959, as pessoas transitavam pelas ruas da cidade e conversavam entre si sobre amenidades. Anna estava em silêncio, limpando a vitrine da alfaiataria que — coincidentemente — ficava em frente a uma oficina mecânica. Na oficina, Chico trabalha dia após dia em uma profissão que, anos depois, tornaria seu nome reconhecido na cidade. Ele observava Anna passar frequentemente no local, os olhares tímidos sendo trocados por rápidos cumprimentos. Algumas semanas depois, Chico a chamou para sair.

Os encontros aconteciam no cinema antigo e Anna se mostrava como uma garota falante, algo bem diferente de Chico. Não levou muito tempo para os sorrisos se tornarem beijos e, por fim, um pedido de casamento. A aliança de ouro colocada em 1959 continua intacta no dedo anelar desde então, não sendo tirada nem após a morte de Chico.

“

*A aliança de
ouro colocada
em 1959
continua
intacta no dedo
anelar desde
então...*

.....

so sabor de l
ativo n

Nova rotina

Entretanto, nenhum casamento é feito somente de flores, por mais que o buquê usado no dia tentasse transmitir esse significado. Os lírios murcharam, se desfizeram e desapareceram, dando lugar a um homem, muitas vezes, controlador e machista. Anna não limpava mais a vitrine da loja, apenas a casa que aos poucos se preenchia de crianças e alcoolismo.

Sem perceber, Anna torna-se a mulher que apenas cuida dos filhos e administra uma casa, longe de qualquer conhecimento financeiro. As compras no mercado são realizadas ao lado de Chico e posteriormente somente por ele.

“Uma vez me convidaram para ir em um aniversário que só teria mulheres. Ele não deixou, falou que eu tinha que ficar em casa. Aquilo se repetiu várias vezes até que ele começou a ir junto nos lugares”, comenta Anna, lembrando das ocasiões em que conseguiu sair com as amigas, mas sempre ouvindo as desconfianças de Chico.

A aposentadoria e os problemas de saúde de Chico levaram a uma tranquilidade no casamento que já havia sofrido muitos abalos sísmicos desde a morte de dois filhos por conta do alcoolismo. Infelizmente, os lírios que haviam desaparecido agora jaziam no caixão, acompanhados de grossas lágrimas e à terrível ausência de um homem que estava tentando ser melhor.

O luto é marcado por vários estágios e vivenciar cada um deles garante, no final, sua superação. Para Anna, a dor ainda se faz presente mesmo após um ano desde que Chico faleceu de um infarto do miocárdio devido a problemas de pressão alta. A partir de então, Anna viu sua vida mudar da água para o vinho quando várias obrigações passaram a ser de sua responsabilidade.

“Eu nunca tinha entrado em um banco e nem usado um caixa eletrônico. Quando o Chico morreu, todo o dinheiro e pagamento de contas ficaram para mim e eu não sabia fazer nada”.

Um ano após a partida inesperada que aconteceu no hospital, Anna guarda no coração as lembranças felizes de um casamento que fora — muitas vezes — complicado. Entretanto, a saudade de estar ao lado de Chico todos os dias, tomando chimarrão e conversando sobre a vida ainda é constante. Ela conta, com a voz embargada, que quando está no ônibus acaba se sentindo vazia e sozinha, um sentimento difícil de ignorar.

“Duas pessoas quando se casam passam a ser um só corpo. De repente alguém morre e é difícil de aceitar isso. Leva tempo”, salienta Anna. Embora os dias na casa com aroma de flores ainda sejam solitários, a idosa de 78 anos não pretende encontrar outra pessoa.

Os primeiros meses foram os mais difíceis, lágrimas eram constantemente derramadas e lembranças ruins passaram a ser esquecidas. Apesar da saudade que carrega dentro do peito, a aliança de ouro e as visitas no cemitério, Anna reconhece o amadurecimento diante de todos os acontecimentos nos últimos meses. “Sempre achei que eu morreria antes. Bom, ainda estou aqui, então tenho que fazer alguma coisa”, encerra com um sorriso, os olhos azuis ficando pequeninos.





“Amar? Amar a gente sempre ama.”

A segunda casa fica na mesma rua e poucos passos precisam ser dados para Anna alcançar o portão prateado da residência de madeira antiga. A varanda é a porta de entrada para o pequeno ambiente com cheiro de café e cortinas brancas que balançam com o vento. Quem observa Isolde Uhlick circulando pelo ambiente não imagina que sua companhia diária de tantos anos partiu em 2015 por conta de um câncer na bexiga e dois derrames cerebrais.

Os dois se conheceram na sapataria em 1961 e o vestido branco com pequenos detalhes se ajustou ao seu corpo poucos meses depois. O casamento aconteceu na fazenda em que Isolde vivia e ajudava em trabalhos manuais, como o plantio e a colheita de verduras.

Ela conta, entre um gole e outro no chimarrão, que no momento da celebração o pai saiu da igreja e só retornou no final. “Ele foi embora, não sei se foi para chorar ou porque estava irritado. Ele perdeu a empregada naquele dia”, conta entre risadas, fazendo uma analogia, inocente, sobre o papel que as mulheres pareciam exercer antigamente.

Diferente da relação controladora que Anna vivenciava, o casamento de Isolde e Paulo era um pouco diferente. Ele deixava ela fazer as coisas que tinha interesse, sair pela cidade sozinha e se divertir com as amigas, mas ainda mantinha uma relação distante de outras responsabi-

dades que não envolvessem a administração de uma casa.

“O único problema do Paulo era ele ser muito pão-duro. Eu tinha que pedir dinheiro e dizer o que ia comprar. Ele contava o troco certinho, toda vez. Hoje em dia se eu gostar de alguma coisa, eu compro. Não preciso pedir para ninguém porque o dinheiro é meu”, salienta a idosa de 78 anos. Apesar de ter conhecimento em algumas questões que antes não lhe diziam respeito, Isolde descreve com amargor na voz as noites solitárias na casa de madeira lilás com vários pinheiros ao redor.

Quando Paulo estava internado no hospital devido a complicações do câncer, Isolde já ficava um bom tempo sozinha, mas após a morte as noites passaram a ser constantes. O outro lado da cama já não contava mais com o calor humano e as conversas na hora do café tornaram-se apenas um sonho efêmero. Lágrimas ainda são derramadas quando a lua alcança o céu e, por mais que o casamento não tenha sido um mar de rosas, Isolde lamenta a ausência

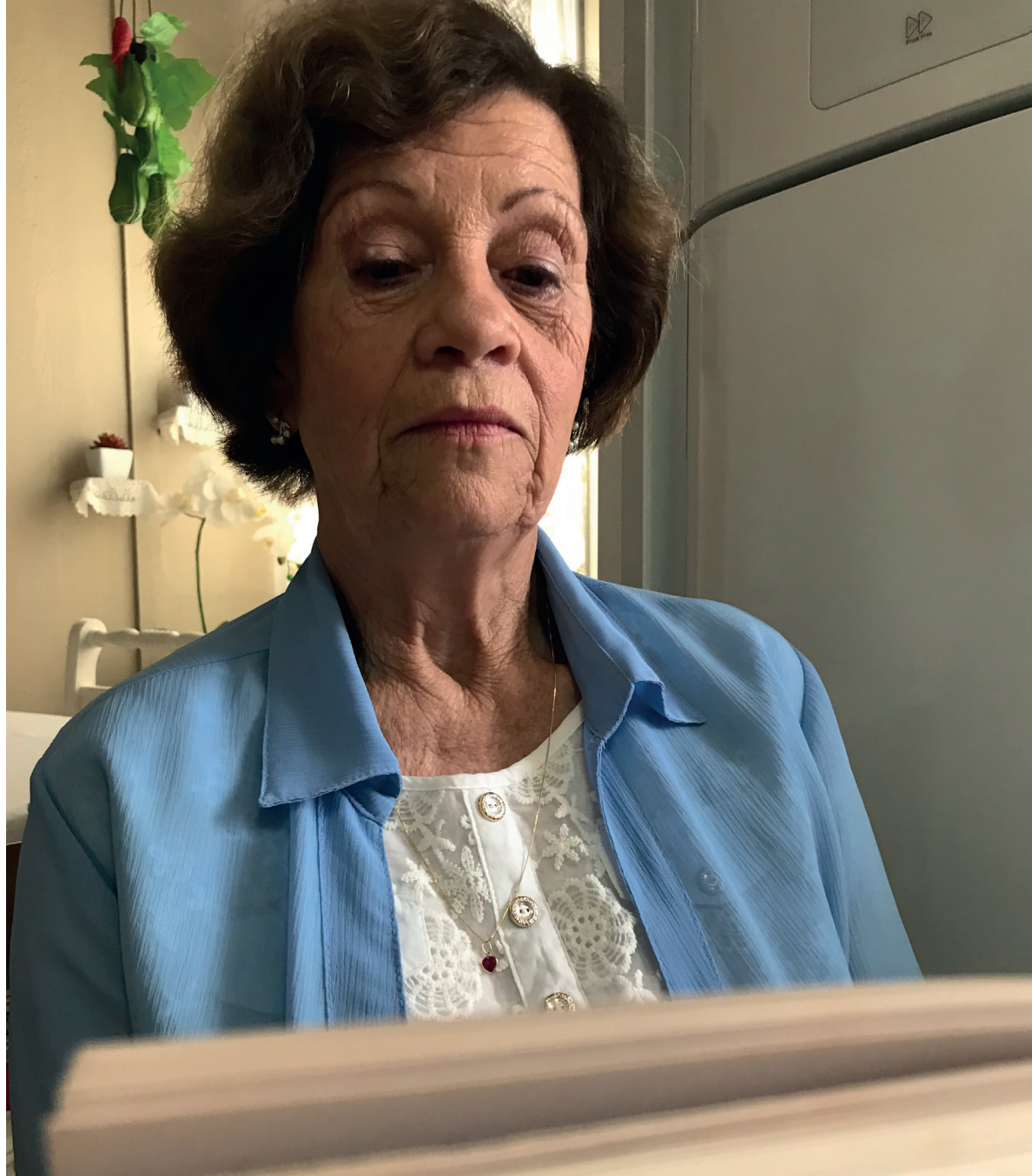
e principalmente o amor que nunca deixou de existir.

“Faz muita falta ter alguém do nosso lado. A gente conhece outras pessoas, mas não é a mesma coisa porque são muitos anos com alguém. Se for para ficar com outra pessoa tem que ser melhor do que foi antes, oferecer uma vida melhor. Amar alguém de novo, acho que não. Amor é só uma vez”.



*Se for para
ficar com outra
pessoa tem que
ser melhor do
que foi antes,
oferecer uma
vida melhor.*





"Sempre vai ter os espinhos no meio da rosa"

As unhas foram pintadas com grossas camadas de esmalte cor de rosa, as orelhas adornam pequenos brincos brilhosos e um comentário sarcástico sempre é feito durante as conversas. Ela dispensa o chimarrão todas as vezes, alegando dor no estômago e preferindo como companhia apenas o café. O café, inclusive, é um dos momentos do dia em que a ausência de Orlando torna-se mais presente.

Laudete e Orlando se conheceram no cinema e entre uma conversa e outra, o casamento aconteceu. Três meses foi o tempo suficiente para um buquê pousar em suas mãos e as alianças serem trocadas. O acessório de ouro, entretanto, não esteve mais presente em seu dedo anelar desde que Orlando faleceu em 2015 por conta de uma trombose não tratada.

Diferente de Anna, o casamento dos dois era de uma liberdade muito maior. Laudete Furtado tinha a liberdade em participar de grupos, viajar com as amigas e ainda receber uma quantia de dinheiro todo mês. Alguns eventos, infelizmente, culminaram em um afastamento e a diminuição de seus sentimentos por um homem que, um dia,

havia amado intensamente.

A saudade ainda se faz presente, embora Laudete procure preencher a solidão da casa comparecendo a grupos e encontros com as amigas. Ela, Isolde e Anna são amigas desde que se mudaram para a rua Anita Garibaldi em 1966, mas já se conheciam das diversas idas ao cinema durante os finais de semana.

Entre uma conversa e outra, um gole no chimarrão e um comentário sarcástico, as três idosas reforçam a força da mulher em situações difíceis. Anna se despediu de Chico em uma comum manhã de quinta-feira. Isolde trocou as últimas palavras com Paulo no hospital, sem saber que nunca iriam completar 50 anos de casamento. Laudete esteve ao lado de Orlando mesmo diante de todas as dificuldades encontradas no casamento, despedindo-se com a certeza de tê-lo vivido da melhor maneira possível.

"A vida agora está boa, mas não porque ele morreu. Ficou melhor porque agora posso fazer o que eu quiser e isso não tem preço que pague", evidenciou Laudete bebendo um último gole de café.

A Psicologia tenta explicar

A construção do patriarcado vem desde os tempos remotos, quando os homens saíam à caça e as mulheres ficavam responsáveis pela colheita. Embora muitos anos tenham se passado desde esse tipo de representação, a imagem da mulher ainda é vinculada a criação dos filhos e a administração dos serviços de uma casa.

Em uma sociedade patriarcal, o homem tem como objetivo prover o dinheiro — fruto do seu trabalho —, ser chefe de família e não dividir nenhuma responsabilidade da casa com a mulher. Nesse ponto, a sua relação com a família torna-se algo administrativo e sem qualquer ligação afetiva.

Ao mesmo tempo, a situação se mescla com o comportamento que a mulher assume diante do patriarcado. Ela se prepara para o casamento culturalmente, assume responsabilidades em função da família e torna-se totalmente dependente do marido, em aspectos que vão muito além de somente questões financeiras.

Quando ocorre a morte do cônjuge, a mulher se vê em uma situação inusitada: tem diante de si responsabilidades que nunca foram assumidas. Controlar o dinheiro, pagar as contas e ser dona de si mesma. “O fim dessa forma de relacionamento — em que o homem tem mais voz

do que qualquer outro membro da família — traz uma autonomia maior para a mulher. Uma responsabilidade diferente que ela teria dentro do patriarcado”, explicou a psicóloga clínica Débora Tridapalli.

Entretanto, quando a mulher vive quase a vida inteira em função do marido, ela não consegue se desligar dessa realidade tão fácil. Sentimentos como insegurança, baixo autoestima, impotência, sensação de fracasso e inferioridade são trazidos à tona.

“A morte ainda afeta a saúde, podendo causar transtorno de estresse pós-traumático, transtorno de ajustamento e depressão. Gera tristeza exacerbada, ansiedade, alimentação de má qualidade, insônia e falta de sentido para viver”, acrescentou a psicóloga Sandra Dreissig.

Sandra ainda lembra que a única pessoa que pode ditar algo para a mulher é ela mesma. O casamento deve funcionar como uma construção, uma grande troca entre duas pessoas. São acordos e ajustes que precisam ser conversados. “Não há obrigação, mas a liberdade de estar e este outro lhe fazer bem. Após a morte ou separação, o que fica é a relação vivida, o que juntos compartilharam e conquistaram”.



Sandra ainda lembra que a única pessoa que pode ditar algo para a mulher é ela mesma.



Estágios do luto

Primeiro Estágio: Negação

Impacto e choque com a notícia da morte. Rompimento do laço afetivo.

Segundo Estágio: Raiva

Quando a negação não é mais possível de ser mantida.

Terceiro Estágio: Barganha

Tenta-se uma negociação para adiar o desfecho final.

Quarto Estágio: Depressão

Grande sensação de perda e ausência.

Quinto Estágio: Aceitação

O último estágio é marcado pela necessidade de perdoar e ser perdoado pelos outros.



{memória}



MENTES EM BUSCA DE PAZ

Ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial lidam com a passagem do tempo e a lembrança das cenas do conflito

O cheiro da fumaça, o som dos tiros e a visão das feridas não são algo que aprendemos em sala de aula. Apesar de se tratar do assunto favorito de muitos nas aulas de história, para Seu Coelho e Seu Arnaldo os acontecimentos de 1939 estão eternamente marcados a ferro em suas mentes desgastadas pelo tempo.

Vivendo no último andar de um prédio moderno em Balneário Camboriú, José Bernardino Coelho – ou Seu Coelho –, tem uma visão privilegiada da selva de pedra que se tornou a metrópole, mas não foi sempre que teve a vista favorecida para admirar todas as manhãs.

Da mesma forma, há 41 km dali, Arnaldo Lana reside em uma casa, em frente a uma rua principal de Brusque. Diferente da correria caótica que é cenário da vida de Seu Coelho, Arnaldo tem apenas o movimento preguiçoso da cidade pequena. De fato, parece haver pouco o que se relacionar entre os dois homens de 98 anos, a não ser os anos sôfregos e desesperançosos da Segunda Guerra Mundial.

Com seus olhos cansados e mãos instáveis, eles sentam em seus respectivos sofás e relembram dos tempos em que a única visão recorrente em suas vidas era o cheiro pútrido da morte e o medo paralisante que os acompanhava. Dentre os filhos homens da família, Seu Coelho foi o único a ser convocado para a guerra. Situação parecida a de Seu Arnaldo, que deixou seus dez irmãos no Brasil ao partir para a guerra. A convocação veio para os dois rapazes aos 21 anos, assim como para mais de 25 mil jovens brasileiros.

Situações parecidas, sentimentos diferentes. Enquanto Seu Coelho conta sua alegria ingênua ao receber a notícia da convocação, Seu Arnaldo lembra dos lamentos e incertezas que vieram endereçadas a ele junto com a tão temida carta. “O medo, em italiano, é ‘paura’. Então, todos nós tínhamos paura porque íamos enfrentar algo que não conhecíamos.” ele conta, lembrando dos tempos que antecederam os meses de treinamento.

Ansiosos ou temerosos, ambos foram levados com seus sentimentos conflitantes para os campos de treinamento em São Paulo, nos anos 1943 - um ano depois do Brasil entrar definitivamente em guerra contra o Eixo. Lá, como explica Seu Arnaldo, receberam uma preparação física e mental para se preparar para a viagem à Europa em guerra. Saudade, suor e expectativa. Não há muito como descrever o sentimento de ambos os catarinenses neste período de limbo em que a ideia do que estava por vir consumia mais seus pensamentos do que o próprio desgaste físico que viviam ali. Mas há como tentar.

Foi nessa fase de preparo, enquanto adolescentes fingiam ser qualificados para lutar guerras, que foram designadas as funções que os jovens convocados recebe-

riam. No caso de Seu Coelho, graças ao seu conhecimento sobre enfermagem, foi-lhe designada uma posição no grupo de saúde - os padioleiros -, encarregados de cuidar dos feridos e doentes. Ao brusquense, por outro lado, foi-lhe de encarrego atuar como soldado na guerra que marcaria não só os livros de história brasileira, mas os mundiais.

Os meses de treinamento isolados da família foram fáceis se comparados aos que se seguiram. Os dois jovens foram enviados junto aos outros 25 mil brasileiros para a Itália, em 1944. Onze dias e onze noites, foi o que Seu Arnaldo lembra de passar dentro do navio, com os 6,500 tripulantes e o cheiro da maresia. Foi naquele barco que passaram os primeiros três dias no novo continente, atarracados e esperando a autorização para a saída do exército brasileiro nas terras europeias. Mar, areia e ordens, aquilo era a única coisa que os separava da guerra sangrenta que acontecia sobre aquelas terras.

Foi nesses três dias que Arnaldo teve seu primeiro contato de com Nápoles, cidade porteira que recebeu os soldados brasileiros. “Aportados lá já ouvíamos as bombas e os canhões. Já dava uma impressão do que iríamos enfrentar quando nós víamos os prédios caídos”.

O fim da expectativa não tardou. O desembarque da FEB foi a constatação da realidade que era a guerra. Ambos os pracinhas relatam a pobreza e miséria dos italianos como sendo algo marcante de se testemunhar. Com os olhos conturbados pela lembrança, Seu Coelho lembra a vez em que encontrou uma mulher oferecendo a filha sexualmente em troca de alimentos. “‘Voler’ é querer, né? Então ela dizia: ‘volere, volere, una bambina! Bella,

bella! Venire!’”, ele diz, parafraseando a frase gritada pela mãe desesperada, os detalhes ainda vívidos em sua mente.

E lembrança é o que não lhes falta. A boa memória surpreende até mesmo a bisneta, que passa os dias cuidando de Seu Coelho com os ouvidos esperando com expectativa as histórias do pracinha que já viu de tudo.

O principal segredo para reter esses detalhes históricos está em uma caderneta, onde o antigo jovem organizado passava todas as suas experiências para o papel. No pequeno caderno com poucas páginas usadas, Seu Coelho mantinha curtos relatos e nomes de companheiros, talvez para manter a mente sã em meio ao caos. Com um tom nada mórbido e acovardado, ele conta que, aos soldados, era recomendado manter o nome e a identificação nos cadernos para, em possível caso de falecimento, o envio dos diários à família.

Foi em um desses diários que José conta de seu primeiro contato com o inimigo, quando carregou 26 feridos durante 12h30. Na ocasião, em 1944, ele e os colegas ficaram em jejum até terminar o serviço.

“
Aportados lá
já ouvíamos
as bombas.
Já dava uma
impressão do
que iríamos
enfrentar.”

Entre mortes e cartas

Ah, e as cartas. Cartas e mais cartas que chegaram ou se perderam no oceano que os separava das famílias. Cartas assegurando segurança, compartilhando angústias e simplesmente registrando a saudade. Cartas que, por muitas vezes não chegavam nem mesmo nas mãos dos soldados, em razão da censura as quais eram submetidas. Seu Arnaldo conta que entre as inúmeras que mandava para sua família, sobretudo as irmãs, poucas chegavam intactas ou sequer chegavam. “Só aceitavam coisa boa.”, afirma ele, falando sobre o conteúdo das cartas.

Seu Coelho sentiu tal censura na pele ao ser privado da informação da morte de seu pai. Esta carta em específico, que nunca chegou às terras italianas, manteve a informação da perda guardada em suas páginas até a chegada do jovem Coelho às terras brasileiras.

A privação de informação não foi a única coisa que foi perdida nos anos tempestuosos de 1944. Em meio aos seus registros, as lembranças que não conseguiu expurgar por meio dos relatos escritos assombraram a cabeça de Seu Coelho por anos à fio. A imagem vívida de um companheiro de seu pelotão pisando em uma das minas alemãs, se encontra difusa em meio às outras lembranças, igualmente traumatizantes, mas ainda cobra o preço do trauma. Isso porque depois do episódio, José passou muito tempo sem poder ouvir sons muito altos, que lhe remetiam as bombas e tiros do campo de batalha.

O trauma lhe custou o aniversário de 15 anos da filha, Lione, que não pôde comemorar a data em razão dos barulhos altos que ainda assombravam o pai. Trauma que, apesar de tudo, tem sido superado pelo tempo, uma vez que conseguiu participar recentemente do aniversário de 15 anos da bisneta Raissa, que conseguiu até mesmo uma dança com o tataravô.

Apesar de tudo, os medos de Seu Coelho nunca o atrapalharam no seu dever na Guerra. “Não, não batia medo não. Eu queria salvar a vida deles [dos soldados], porque eles gritavam muito.”, ele diz “Eles gritavam pela mãe. Gozado é isso, nenhum chamava pelo pai. Era pela mãe.”.

Para Seu Arnaldo, no front de batalha, a morte era apenas mais uma integrante em seu pelotão. O homem, que tomou parte na célebre batalha de Monte Castelo, tem dificuldade em falar do momento, ao fim do conflito, em que subiu o monte para ver os corpos empilhados. “Lá morreram muitos brasileiros. Teve um ataque durante a noite e quando chegou a madrugada e subimos o monte castelo a pé, vimos os cadáveres todos empilhados, todos um em cima do outro. Lá tinham brasileiros e alemães separados. Aquilo não prestou”.

Para Seu Arnaldo as lembranças lhe vêm naturalmente, a mente não falhando o brusquense ao recordar dos detalhes de 75 anos atrás. Defrente de Seu Coelho, já não carrega junto de si lembranças físicas de seu tempo na Itália em razão das enchentes recorrentes de sua cidade, que levaram com a água enlameada as lembranças de um período sem esperança. Mas o senhor, sentado em sua poltrona, não parece sentir muita falta - ou necessidade - dos objetos para lhe recordarem do que lhe passou em batalha.

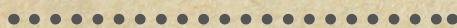
Entre sangue, suor e miséria, histórias boas também encontraram

seu caminho por entre a destruição. A paixão de Seu Coelho com a italiana Arina é uma delas. A paixão, que nunca teve nada consumado, começou quando os dois jovens dividiram a comida que os americanos lhes enviavam para o consumo. A jovem em questão, segundo Seu Coelho, era linda e parecida com as “atrizes de filmes americanos” como faz questão de adicionar sua neta, Camila, que ouviu durante toda a sua infância as histórias do avô sobre a mulher.

O encerramento dessa história de amor não foi dos mais felizes, já que os jovens tiveram que se separar quando a guerra chegou ao fim. Em seu retorno ao Brasil, a garota chegou até a pensar que Seu Coelho havia morrido, quando ouviu sobre um atentado a um dos navios brasileiros. Anos mais tarde um dos filhos de Seu Coelho, que cresceu ouvindo a história da paixão juvenil, chegou a procurar a moça em uma de suas viagens para Itália, e constatou que Arina nunca havia casado. A história de amor pode não ter tido um final feliz, mas o camboriense ainda relembra com um sorriso do rosto da italiana.



*Entre sangue,
suor e miséria,
histórias boas
encontraram
seu caminho
por entre a
destruição.*



O fim e o recomeço

O fim da guerra, em 1945, marcou um momento único para a história do mundo. Para Arnaldo e Seu Coelho, entretanto, ela tardou a chegar ao fim definitivamente. Para o brusquense foram três meses em que esperou e esperou o revezamento dos barcos levarem-no de volta para terras brasileiras. Quando vieram foram seis dias, ao invés dos onze de ida, para atravessar o Oceano Atlântico.

E lá foram os catarinenses, voltando para as casas e famílias e empregos que haviam deixado há um ano. Mal sabendo que a carga acumulada nos últimos tempos estava junto de seus pertences agora, acompanhando-os do país europeu para as terras tropicais do Brasil.

Para Seu Coelho a viagem que deveria trazer alívio foi marcada com a notícia que todos temem receber. O primo, que viera recebê-lo em São Paulo em seu retorno, se viu obrigado a relatar da perda quando o camboriense decidiu comprar uma jaqueta de couro para o pai - que sempre reclamava do frio -, logo que saiu do porto. Foi ali mesmo, na cidade do Rio de Janeiro que lhe foi revelada a informação mantida por tanto tempo por causa da censura: seu pai havia falecido.

A dor foi grande, mas o tempo levou qualquer rancor ou sentimento de injustiça na voz do camboriense a se dissipar. O tempo tomou as rédeas e se encarregou da vida de Seu Coelho, que encontrou dona Zilda, com quem teve os cinco filhos.

A vida de Seu Arnaldo seguiu de maneira semelhante. Ele conta que a fábrica brusquense na qual trabalhava lhe deu um mês de "folga" para descansar de seus feitos na guerra. O senhor conta isso sem nenhum pinga de reclamação em sua voz.

Fotos: Fulano de Tal

Camburiu 27 de novembro de 44
Saúde e Felicidade

MEU querido filho.
Ficamos todos com grande prazer em receber
tua querida cartinha que estavamos ansio
para saber notícias tua.
E ficamos satisfeitos em saber que gozas
boa saúde e nos vamos passando regular
muyas ao bom Deus.



A recompensa

Aqui, os registros do professor de história Nahor Lopes de Souza preenchem as lacunas da memória que o tempo cobrou dos pracinhas. O educador, fascinado pela Segunda Guerra Mundial e pesquisador assíduo de seus acontecimentos, conta que o retorno da FEB foi documentada como emocionante, sim, porém houveram descasos da parte do governo que os pracinhas, aliviados pelo fim da guerra, relevaram. “Assim que eles colocaram o pé no regimento, Getúlio Vargas mandou retirar o saco que continha coisas de guerra. Ou seja, os pracinhas desfilaram sem arma. Onde já se viu, um soldado sem arma? Eles tinham medo [o governo].”

Segundo ele, o medo de um golpe militar acontecer foi a principal razão do acúmulo de descasos que demoraram a ser corrigidos. A ajuda financeira, por exemplo, para os jovens soldados veio quase vinte anos depois, com o começo da ditadura militar de 1964 e até mesmo então foram somente os que batalharam na Itália, como Seu Coelho e Seu Arnoldo, que receberam auxílio financeiro.

Até mesmo os que estiveram no front de batalha receberam as migalhas que diziam-se suficientes. O grande “pagamento”, como diz o professor Nahor, dado aos pracinhas pela bravura e abdição de lutar por uma nação que não era deles, foi a possibilidade de vagas nos correios sem concurso público. Atitude que não repre-

sentou uma ajuda muito insignificante, principalmente para aqueles que não eram alfabetizados.

Não houve, também, nenhuma forma de auxílio psicológico para os integrantes da FEB, depois da Segunda Guerra Mundial. Citando casos de soldados da região do Vale de Itajaí, que não resistiram aos traumas das batalhas e acabaram com a própria vida por negligência médica necessária, Nahor conta que foram inúmeros os casos de pracinhas alcoólatras e depressivos que não receberam o apoio necessário. Foi somente na década de 60 que as primeiras associações de ex-combatentes começaram a se formar, organizando encontros e oferecendo auxílios aos poucos.

Sobre as homenagens aos feitos dos que lutaram na guerra que matou 47 milhões, o professor Nahor chama atenção ao descaso que não só o governo, mas a população, têm em conhecer suas histórias. “Elas são necessárias, mas elas não são o suficiente [as homenagens], porque eu vejo que necessitava ter um pensamento voltado ao currículo escolar também [...] Eu lembro que em meus materiais escolar só havia um

parágrafo nos livros mencionando os pracinhas.”

Seu Coelho e Seu Arnoldo são os últimos pracinhas vivos em seus respectivos municípios. Os últimos pedaços de história clamando por serem ouvidos e entendidos, para que todos lembrem que as cicatrizes da guerra são mais do que físicas.

“
*Eram inúmeros
os casos de
pracinhas
alcoólatras e
depressivos que
não receberam o
apoio necessário*”



POLÍTICAS PÚBLICAS

O que diz a lei e como a terceira idade é atendida em cidades do Vale do Itajaí

// Texto **Bruna Costa**

A prefeitura de Itajaí realizou o primeiro Censo do Idoso em dezembro de 2018. O objetivo era apontar as barreiras e soluções para a terceira idade. Como é ser idoso em Itajaí? O que fazem as instituições governamentais e não governamentais para promoverem essa assistência que determina o Estatuto do Idoso? Maria Helena, coordenadora do Centro de Vivência do Idoso (CCI), explica como funcionam as atividades oferecidas à população idosa: “Temos várias atividades: ginástica, aula de bordado de pintura em tecido, curso de violão, jogo de baralho, dominó, cancha de bocha, dança, etc. Atendemos 287 idosos matriculados”, diz a coordenadora. Para participar é preciso ir até o local, situado na rua Carolina Vailatti, bairro São Judas e realizar um cadastro munido de documentos pessoais como identidade e CPF. O número de vagas é limitado. Alegre e disposta, Terezinha Ruas, 64 anos, é aposentada, dona de casa e já desfruta de alguns benefícios privados e públicos para a terceira idade: “Toda quinta-feira eu participo do grupo de idosos da AFH Solidariedade, uma associação de combate à hanseníase e câncer, em Itajaí. Lá eu recebo cursinhos profissionalizantes como bordado, pintura, crochê, ganhamos cafezinho, fazemos viagens e sou muito bem tratada.”

Esse benefício é privado, mas não é o único que ela frequenta. Existe outro na cidade que é completamente gratuito. “Tem outro que eu vou, mas não pago nada, se chama Tarde dos Idosos. É toda terça-feira, no Lar Padre Fabiano de Cristo. Lá passo a tarde fazendo atividades educativas e de recreação. É uma maravilha passar algumas horas com um grupo de pessoas que têm a mesma idade”.

Terezinha mora em Itajaí há mais de 40 anos, casou-se, teve filhos e agora está apreciando a velhice. Ela conta que

não tem medo de envelhecer. “Já sofri muito quando era mais nova, lutei para conseguir as minhas coisas, agora estou na fase mais tranquila da minha vida. Por conta da “veiuira” até ônibus eu pego de graça. Embarco direto na porta de trás.”

Uma vida ativa, sem estresse e com vontade de aprender coisas novas são ingredientes de quem vive bem e bastante. Além de participar do AFH e o Lar Fabiano de Cristo, ela é cozinheira voluntária no Instituto Luciano Santana, ONG que ajuda famílias carentes em Itajaí. “Na ONG eu faço pipoca para as crianças e outras comidas para o cafezinho deles. Quase todo final de semana, participo das ações sociais e ajudo a equipe do instituto com o que precisa.”

Estatuto do Idoso

“A lei federal completou 15 anos em outubro de 2018. O Estatuto do Idoso gera leis de inclusão e proteção à pessoa idosa, que deve ser praticado pelo poder público e pela sociedade. Sou ciente e até conheço de perto alguns projetos na cidade destinados à terceira idade, mas poderiam fazer muito mais”, defende Aline de Souza, formada em Direito.

Ignoradas muitas vezes pelas próprias autoridades que deveriam implementar e fiscalizar, o preconceito e falta de conscientização são as principais barreiras para efetivação dessas políticas na sociedade. “No papel é tudo lindo, mas não é assim que funciona. Os direitos constitucionais como saúde, educação, lazer, esporte, cursos especiais, remédios, direito ao transporte, está tudo ali, o estatuto é rico e completo, mas desempenhado pelo SUS, que também não funciona. Precisamos entender que se não sair do papel, através de políticas públicas, esse papel não serve para nada”, afirma Aline

{parceria}

DATAS DE UMA VIDA

Quando o tempo se faz companheiro e mãe e filha compartilham a terceira idade juntas

// Texto *Kauan Vargas*

O cheiro de café passado na hora se sobressai ao montante de outros aromas que constituem a cozinha da casa. O aviso de que está na hora do café da tarde soa como um grande prelúdio para uma boa conversa regada de histórias. Regina Bastos vai passando os pratos para todos os presentes enquanto faz perguntas com o tom de voz dos mais gentis, do tipo “Quer leite frio ou quente na sua xícara?”. É nesse momento de questões sobre o que querer tomar que a atenção se volta para outra pessoa em sua frente. Sua mãe, Lair Peclat Da Silva, toma as rédeas antes de qualquer resposta e matraqueia um turbilhão de ideias, das quais encontrar resposta tão rapidamente se torna algo difícil, enquanto ela se serve com prontidão. É assim todo dia há algum tempo na vida de Regina e Lair.

Regina tem 66 anos e é a primeira filha de Lair, que tem 86, e a única que hoje mora com sua mãe em Itajaí. Para explicarem como começou essa grande parceria da

qual as duas vivem hoje, uma confusão de datas toma conta e transforma o café da tarde em um debate. A verdade é que Lair casou-se em 1951 no Rio de Janeiro e dois anos depois ganhou a sua primeira filha, fruto do amor que teve com Carlos Ferreira Bastos, seu primeiro marido. Ao explicar o falecimento dele, ela diz em meio a risadas descontraídas “nos separamos pra sempre, isso foi em 1981”.

Logo após Carlos falecer, Lair se casou com Nelson Da Silva, carioca assim como ela, esse seu último marido. Com a pele mais escura, Lair diz que sempre gostou de pessoas negras, mas por conta da sua família nunca poderia namorar com alguém assim. Quando se casou com Nelson, já não havia ninguém que poderia lhe dizer o que fazer. Por ironia do destino, Nelson faleceu do mesmo motivo que Carlos: problemas no coração. “Eu lembro de ter dado comida para ele, logo em seguida passou mal e acabou indo”.





Viúva por duas vezes, Lair se mudou para Santa Catarina em 1995 para ficar perto da filha mais velha. Regina, que ficou viúva também, acolheu de bom grado sua mãe para dentro de casa. Mesmo tendo outros filhos, todos do relacionamento que teve com Carlos, hoje só as duas moram juntas. O único momento em que Lair não está com a mãe é quando vai ao Rio visitar outros de seus filhos, o que não está mais acontecendo pelo fato de ser desgastante a viagem. “Eles que venham me visitar agora”, Lair conta, enquanto esboça um sorriso desenhado pelas rugas no rosto.

Quando encaram a idade as duas são otimistas em lembrar que a mãe de Dona Lair faleceu com mais de 100 anos em 2015. Com muita felicidade em dizer, ela conta que a mãe não morreu de doença alguma, mas sim de causas naturais, enquanto sorria e passava seus últimos segundos cantando e sorrindo para o médico. “Eu vou morar com Jesus”, Lair parafraseia a mãe no intervalo dos goles de café.

Mesmo com a idade das duas companheiras considerada avançada, elas levam a vida como se fossem duas

garotas. São elas que limpam a casa e que cuidam de tudo, o que inclui muitos gatos espalhados pelos fundos da casa. Claro que a filha Regina faz a maior parte das atividades pois Dona Lair já não tem a mesma disposição, mas ela diz que não gosta de estar parada. Quando digo que é difícil você ver uma mãe e uma filha em que as duas já estejam na terceira idade, as duas mostram surpresa. Surpresa talvez por na verdade nunca terem pensado nisso enquanto se ocupavam em viver.

De acordo com elas não há nenhuma dificuldade naquilo que passam todos os dias. “Quando eu vou pro centro pagar alguma conta, eu deixo a mãe no Centro de Convivência do Idoso ou ela vai comigo também, apesar de não gostar”.

A vida de Lair e Regina não se limita apenas nas casas decimais de idade que elas partilham alternando os pares e ímpares, mas também em tudo que elas construíram. São

20 anos que as separam, mas que as juntam ainda mais. “O nosso caso de amor é um caso que deu certo”, conta Lair, enquanto usa o braço da filha de apoio para se segurar ao levantar da mesa. O café acabou por hoje.

“
Mesmo com a idade, elas levam a vida como se fossem duas garotas

{segurança}

A CADEIA ENVELHECE

Histórias de quem passou e passa parte da vida atrás das grades

// Texto **Laura Testoni**

“Tô há dois anos aqui e ninguém vem me ver”. Pausa pras lágrimas. Não chorei, tentei me manter firme, mas a senhora na minha frente não tinha nada a perder senão líquido do corpo. Nas mãos, um objeto me chamou atenção: dona Vilma Alves dos Santos, 58 anos, entrou na sala da administração do Presídio Feminino de Itajaí com um livro, além de um óculos de leitura e um paninho. Parece que ela já previa desabar em choro. Eu, por outro lado, não sabia o que esperar.

Quando estacionei na frente do cadeião, na rua Pedro José João, no “Matadouro”, como é conhecido a comunidade Nossa Senhora da Graça, em Itajaí, contei até 20 pra sair do carro. A ideia era aguardar pelo menos 30 segundos pra me recompor e adentrar o portão de ferro, mas a ansiedade era maior. Sempre quis conhecer as dependências de um presídio e conhecer alguma detenta. Lá estava eu, batendo no portão de mais de dois metros de altura.

Um gentil moço moreno de sorriso largo e brilhante me perguntou: “posso ajudar?”. “Procuro pelo senhor Carlos Azevedo”, respondi com a voz trêmula e ainda sem acreditar que estava ali. Carlos é agente penitenciário no Presídio Feminino antes mesmo dele se tornar feminino. Ele trabalha ali há 14 anos. Quando chegou, o presídio ainda recebia homens também. Só em 2010, com a criação do Complexo Penitenciário da Canhanduba, foi que houve a separação. “Agora é tranquilo aqui. Quando tinha os homens, até rebelião já peguei”, diz Azevedo, lembrando da rebelião de 2008.

“Pode esperar aqui dentro”, sugeriu o guarda. Adentrei o portãozinho e logo dei de cara com presas me olhando. Percebi que elas não eram tão acostumadas a receber visitas. Uma loira de cabelos longos amarrados me olhou com surpresa e logo desviou os olhos. Entrei pela recepção. “Seu Carlos já tá vindo, tá?”, disse uma moça de pele clara, vestindo colete da guarda. Assinei o documento de presença até que o agente chegou.

Apresentados, seu Carlos me levou até a sala da administração pra conversar com a presa. Minhas mãos pingavam suor. As coloquei no bolso a fim de disfarçar o ner-

vosismo. “Marcia, busca a Vilma pra mim na cozinha?”, pediu seu Carlos à outra agente. Cinco minutos passaram e a costureira entrou pela porta. O olhar colado no chão. Demorou até que a senhora me olhasse. “Tens um cassetete? Porque essa é perigosa”, descontraíu a morena Marcia. Um riso tímido saiu dos lábios de dona Vilma.

Tentei a deixar o mais à vontade possível, mas sei que não seria suficiente. Via o constrangimento no olhar dela a cada levantada de cabeça. Algemada e com as mãos entrelaçadas, dona Vilma me contou que cumpriu dois dos cinco anos de sua condenação. O choro vem à tona quando ela relembra a prisão. Ela foi pega por tráfico de drogas em 2011, em Blumenau. “Saí pra recorrer na rua. Tava trabalhando, de carteira assinada e tudo. Em 21 de setembro de 2017 fui recolhida”, explica em meio a lágrimas. Sinto a dor de dona Vilma e talvez uma ponta de arrependimento. Nunca usei tanto da minha empatia.

Desde que entrou pro cadeião de Itajaí, a costureira não recebe visitas. A mãe, com 78 anos, mora em Blumenau. “Ela quer vir me ver, só que não dá, né? Ela já tá velha e mora longe demais pra ficar vindo”. Quando pergunto sobre filhos, ela abaixa a cabeça. A cada pergunta sinto que dona Vilma tem vergonha do passado. A filha também está presa, em outra cadeia. “Ela disse que quando sair vai no fórum pra tentar vir me ver”, diz esperançosa.

Esperança, aliás, brilha nos olhos de dona Vilma. A questiono sobre o que espera quando cruzar o portão da liberdade. Ela me conta de suas enfermidades. “Tive depressão profunda quando entrei aqui. Tenho também líquido nos ossos e infecção no sangue”, me explica com sotaque peixeiro. Quando foi presa, dona Vilma estava no processo pra se aposentar pelo INSS por invalidez. “Tomara que quando eu sair daqui consiga me encostar”.

Dentro da cadeia ela também trabalha. “Fico na cozinha. Pelo menos assim me ajuda a distrair, sabe? Aí passa mais rápido e eu não tenho tempo de pensar coisa ruim”. Segundo o Monitor da Violência, uma parceria do G1 com o Núcleo de Estudos da Violência (NEV) da USP e com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Santa Catarina tem 22.295 presos. Desses, 6.277 trabalham. Dona Vilma é uma deles. Além disso, 3.122 da população carcerária catarinense estuda. Ao todo, 35,3% dos presos de Santa Catarina têm alguma ocupação.

O encarceramento de idosos no Brasil

Segundo o Infopen, sistema de estatísticas do sistema penitenciário brasileiro, no primeiro semestre de 2016, dos 726,7 mil presos brasileiros, 5132 tinham de 61 a 70 anos (1%). Presos com mais de 70 anos não chegam a 1%: somam 759. O advogado e professor de Direito na Universidade do Vale do Itajaí (Univali) Tarcísio Guedim diz que esse número pode ser explicado pelo artigo 77 do Código Penal. O segundo parágrafo diz que “a execução da pena privativa de liberdade”, ou seja, a pena cumprida na cadeia, se “não superior a quatro anos, poderá ser suspensa, por quatro a seis anos, desde que o condenado seja maior de 70 anos de idade”.

Esse período (quatro a seis anos) em que a pena é suspensa, os advogados chamam, como explica Guedim, de período de prova. O preso é condenado pelo crime que cometeu, mas não ingressa no sistema carcerário. “Nesse período ele tem que cumprir determinados requisitos. Depois disso a pena é cumprida”, explica o advogado que me atendeu no intervalo de uma aula e outra, numa manhã gelada de outono no campus de Balneário Camboriú da Univali.

Quando o idoso se torna réu, se ele tiver mais de 70 anos na data da sentença, Guedim explica que a idade pode servir como circunstância atenuante ou até obrigatória pra que haja redução da pena.

Guedim para alguns segundos pra puxar na memória fotográfica se há alguma explicação pra que a idade pra aplicação desses artigos seja 70 anos. Ele explica que a questão de idoso - pessoa acima de 60 anos, só é levada em conta quando ele é vítima do crime. “Quando acusado do crime, a lei não usa a palavra ‘idoso’. Ela leva em conta a idade”, explica.

A questão da idade dentro das cadeias ainda tem sido discutida por pesquisadores, principalmente assistentes sociais norte-americanos. Auerhahn, Williams e Rikard dizem em um de seus artigos sobre geriatria que essa questão varia de pesquisador pra pesquisador, mas muitos acreditam que aos 55 anos os presidiários já sejam considerados idosos.

“A cadeia envelhece”, me diz seu Carlos, o agente do presídio feminino. “Tinha umas moças que entravam aqui e eu pensava que tinha uma idade e quando eu ia ver, era mais nova do que eu!”, diz espantado. Seu Carlos está certo. Guedim diz que, principalmente nas cadeias brasileiras, o preso pode acabar sendo considerado idoso antes dos 60 anos. “A insalubridade, condições de saúde e até a expectativa de vida... tudo isso afeta na vida do preso lá dentro”, defende.

Ser avô trouxe forças para Moreno

Gilmar Amarildo da Luz, de 56 anos, tinha 19 quando foi preso. E não foi a única vez que Moreno, como é conhecido, passou pela cadeia. Ele está perto de chegar à fase da “melhor idade” com muita história dentro da mochila da vida. A família de Moreno é grande. Ele também tem dois netos e três netas. Ele conta orgulhoso do relacionamento que tem com os netos e os olhos brilham ao falar do amor que sente. Aparentemente, ele exerce ao pé da letra a função de avô. E foi esse papel que ajudou Moreno a seguir a vida.

Sentado em uma cadeira de plástico do bar, Moreno logo me joga uma pergunta. “Quer saber quantos vi morrer?”. A questão não me assustou. “Lá é onde o filho chora e a mãe não vê e nem ouve”, diz o senhor. No olhar, Moreno carrega sofrimento. Não trazido pela cadeia. “Deus me concede muita força. O passado ruim eu deixei pra trás”, conta. Porém, a dor de Moreno foi resultado da criminalidade. O ex-assaltante e ex-traficante de drogas perdeu dois de seus filhos pro crime. Um aos 19 anos e outro com 24 anos, num intervalo de nove anos.

Moreno tem um histórico diferenciado de cadeias. Em 82, foi preso por assalto e levado pro presídio de Chapecó. Ficou três anos. Em 1986, foi preso pela segunda vez e pelo mesmo crime. Dessa vez, foi pra São Miguel do Oeste. Ficou lá por mais três anos.

Em 2002, Moreno foi preso de novo, mas dessa vez por tráfico de drogas. “Essa foi a última vez que fiquei preso. Foi em Tijucas. Fiquei mais dois anos, três meses e oito dias”. Moreno tem minuciosamente os dias em que ficou na prisão contados.

Moreno viu muita gente morrer por dívida com traficantes e isso o fez largar o crime também. “Não conseguia dormir descansado. Vivía me cuidando de tudo e de todos”, desabafou.

Hoje, Moreno é casado há 23 anos com a terceira mulher. Chegou ao litoral, em Camboriú, na década de 90. Além dos dois filhos que já morreram, ele tem mais três filhas e uma enteada, que foi criada por ele desde os três anos. “Ela me chama de pai e tudo”, conta sorridente.

O fato de Moreno ter sido aceito tranquilamente de volta à sociedade e ter construído uma vida do zero não é normal de se encontrar, mesmo que isso tenha vindo depois de três idas e vindas da prisão. O advogado Guedim explica que um dos problemas da volta dos presos às cadeias é, além da falta de oportunidade quando ainda estão presos, o preconceito que sofrem quando voltam pra sociedade civil.

Espero que o preconceito não afete os planos de dona Vilma, que sonha em sair da cadeia, aos 62 anos, e começar do zero. Espero que o preconceito não afete, tardiamente, a vida de seu Gilmar. Espero que o preconceito não afete a vida de tantas Vilmas e Gilmares perdidos Brasil a fora. Sempre dá tempo de recomeçar.

CORPOS QUE

*Histórias de quatro personagens.
Relatos de vida, de superação,
amor e resistência.*

RESISTEM

// Texto **Lyandra Machado**
lybattisti@yahoo.com.br

“Eu enfrentei três preconceitos na minha vida: ser gay, ser negro e ser pobre”. Essa foi a realidade de vida de Fernando Taroco. Sentado no sofá de seu apartamento em Balneário Camboriú, sob o olhar carinhoso do marido, ele lembra o passado e analisa o presente. O passado do menino natural de Pelotas, no Rio Grande do Sul, rejeitado no mercado de trabalho por sua cor e orientação sexual, e o presente do homem de 71 anos que olha pra trás e vê que não teve medo de lutar. Que foi e é resistente.

“Eu sempre, durante toda a minha infância, fui gay, mesmo sem entender o que era. Quando perguntava o que era, me respondiam que era ‘aquela pessoa que ninguém gosta’”, conta. Com o preconceito, ele se sentia um cidadão de segunda classe, até tomar consciência de quem era, aos 17 anos, quando passou a questionar sua sexualidade.

Formado em Arquitetura e Urbanismo, nunca teve espaço na profissão. Chegou a ser rejeitado em empregos porque era negro e ia “dar em cima dos homens”. “A partir desse momento, tive que modificar toda a minha vida, jeito de andar, de falar, gestos, pra poder sobreviver”, relembra. Fez Relações Públicas, mas também não teve oportunidades. Foi então que decidiu fazer Jornalismo e se dedicou à assessoria de imprensa.

Depois de anos de trabalho dedicados à carreira, entre idas e vindas, se aposentou. E foi o mar que o conquistou pra ficar em Balneário Camboriú, há mais de 10 anos. Ao se aposentar teve que sair dos biombos que criou a vida toda pra se esconder, e então teve que lutar mais uma vez. “Tive síndrome do pânico. Medo de não trabalhar, medo da minha mãe que falava que eu não podia ser ‘vagabundo’, medo por causa daquela mulher lá atrás que me disse que não poderia trabalhar. Teve todo um conjunto psicológico que estourou nesse momento. O pânico vai e volta, mas hoje eu aprendi a lidar”, conta orgulhoso por ter vencido mais uma vez.

E continuou lutando. Conhece o marido há 35 anos e, depois de anos de relacionamento, decidiu casar oficial-

mente. “Nos dá segurança jurídica. Eu conheço inúmeras pessoas que tinham um companheiro, de repente ele morre e a família pegou tudo. Viveu com aquela pessoa a vida inteira e perdeu apartamento, carro, tudo”, explica.

Segundo o advogado representante em Santa Catarina do Grupo de Advogados pela Diversidade Sexual e de Gênero em defesa dos direitos da população LGBTI, Otávio Zini, essa é a realidade de muitos casais LGBTI.

“A pessoa tinha uma vida inteira com o companheiro ou companheira, construía a sua vida e a família sempre os rejeitou. Na hora da morte de um deles, a família pega tudo. Isso era extremamente comum. Ainda existe hoje, claro, mas não com tanta frequência como antigamente”, ressalta o Otávio que é presidente da ONG Amigos e Tribos, grupo que trabalha em prol da cidadania da comunidade LGBTI e minorias.

Otávio ressalta também a diferença do conceito de velhice para o mundo hétero e para o mundo LGBTI. “São coisas completamente diferentes. A expectativa de vida é muito mais baixa para o LGBTI, já que a cada 16 horas ocorre um crime de LGBTIfobia. Com 40 anos, 50 anos, a pessoa já é considerada idoso ou idosa”, finaliza.

Hoje, Fernando derrubou as estatísticas e soube envelhecer, apesar de reconhecer que os idosos ficam invisíveis. “Ninguém fala com você ou olha pra você. Tem que ir a lugares que tenha outros idosos. Mas sempre busquei saídas, nunca fico lamentando”.

Pra conseguir envelhecer, Fernando mudou o foco de muita coisa. “O sexo, por exemplo, mudou

bastante. O sexo que era tão importante acaba ficando em segundo plano, porque tem o carinho, amor, amigos. Tem que entender os ciclos. Que tudo passa”. Fernando descobriu o prazer nas viagens, em aumentar o conhecimento, ver belezas nas coisas que ele não via antes.

“Tenho saudade do meu vigor? Tenho. Mas tem que entender os ciclos. O foco é outro”, diz, finalizando a conversa com aquela sensação de que ele continua cumprindo todos os ciclos de sua vida.



*O sexo que era
tão importante
acaba ficando
em segundo
plano, porque
tem o carinho,
amor, amigos.*



Vencendo as estatísticas

A psiquiatra Carmita Abdo, professora da USP (Universidade de São Paulo), divulgou dados alarmantes. Segundo a especialista, enquanto a estimativa de depressão entre idosos heterossexuais é de 13,5%, entre as lésbicas esse número sobe para 24% e, entre os gays, chega a 30%.

Luiz superou o índice de pesquisa, mas ressalta que a luta não acaba. “A militância pra mim só vai parar quando acabar a LGBTfobia. Criei raízes e sementes plantadas para que essa luta continue”, finaliza.

Esmaily Linhares, médico geriatra com doutorado na PUC-RS, especialista em Medicina Legal e professor na Universidade do Vale do Itajaí, ressalta que a depressão no idoso tem toda uma gama breçada no envelhecer.

“Hoje a pessoa que envelhece, é aquele que sofreu preconceito, que foi expulso de casa. Então essa pessoa fica à margem, junta a problemática com perda de amizades, com envelhecimento, com perda econômica e social”, afirma. Esmaily ainda destaca a importância que a sociedade dá para o belo e jovem, desconsiderando muitas vezes a pessoa idosa.

“O idoso se apaixonava, se reinventa, se transforma, também tem sonho. Não é porque é idoso que perde a vida sexual, por exemplo”, completa.



Receita para envelhecer

O antropólogo Luiz Mott também entende que o foco muda com o envelhecimento. Natural de São Paulo, ele atualmente reside em Salvador e com 73 anos passa a sua receita para uma velhice saudável. “Como militante gay, eu me informei em como enfrentar a velhice e não ter depressão. Primeiro aprendi uma lição de vida muito importante de meu pai, no qual ele dizia que a gente tem que aprender a ser feliz sozinho, se tiver alguém, vem de lambuja, é um acréscimo. E assim eu fiz”.

Luiz ressalta a importância de não depender materialmente de ninguém, ter recursos próprios. O segundo passo é procurar se distrair, fazer novas amizades, novas experiências.

“Não dá pra ficar naquela fissura de querer manter o mesmo ritmo de encontros, de sexualidade como na idade adulta. O físico decai, a pessoa tem que ter um bom senso de construir sua velhice de uma forma inteligente, não depender de ninguém e ser feliz sozinho”, explica ele, que é formado em Ciências Sociais, pela Universidade de São Paulo, mestre em Antropologia pela Universidade de Paris-Sorbonne e tem doutorado em Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas.

Luiz ainda ressalta que a reação do público ao ver a cena de um casal lésbico de idosas (referindo-se a cena entre Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg na novela Babilônia), mostra muito o preconceito. “A cena causou escândalo na sociedade, porque a sexualidade dos velhos é negada e vista com maus olhos”, completa.

Gay assumido desde 1977, Luiz foi criado numa família católica, com oito irmãos. Na infância não sabia nada sobre homossexualidade. Foi seminarista, mas desistiu por não ter vocação religiosa.

Teve algumas poucas experiências heterossexuais, segundo ele, não muito satisfatórias. Ao mesmo tempo, tinha uma vida homossexual secreta, clandestina. Foi então que resolveu se casar. “Mas antes contei pra minha noiva que tive experiências com homens, que não queria mais e ela topou sem problemas. Passamos cinco anos casados, eu lutando contra esse desejo, até que decidi me assumir publicamente. Foi muito doloroso pra mim, pra ela, pra família, para as filhas, mas foi o melhor caminho. Hoje as minhas filhas são adultas, de 40 anos, tenho três netas que me amam e todos me respeitam”, afirma.



Grupo Gay da Bahia

O Grupo Gay da Bahia foi fundado por Luiz, em 1980, por conta de um ato de homofobia. Ele estava com seu namorado na época, vendo o pôr do sol em Salvador, quando um homem o agrediu. Foi nesse momento que despertou sua consciência gay e da importância de lutar contra a violência. “Eu sou o decano do movimento LGBTI do Brasil. Não mais velho. O mais antigo, que continua no movimento, sem nunca ter abandonado a luta”, conta orgulhoso.

A maternidade

A história da carioca Ana Lodi com a maternidade é intensa. Hoje com 53 anos, relembra que desde os cinco anos falava para a sua mãe do desejo de ser mãe. Quando começou a namorar com uma amiga, com 21 anos, se deu conta da orientação sexual e não escondeu de ninguém. “Eu nunca entrei no armário. Na hora que eu realmente me dei conta eu assumi pra todo mundo”, diz Ana.

Mas ela ainda tinha uma angústia. “Achava que não ia ter filho. E essa primeira namorada, no qual fiquei 10 anos, disse ‘Você pode ter filho, você não é estéril. Mas o problema é como’”. Então ela começou a pesquisar maneiras para realizar seu desejo.

Pesquisava, mas ainda não se sentia pronta. Decidiu então que gostaria de passar pelas experiências da gravidez e ter a chance de amamentar. Passou dois anos pra escolher a clínica e mais um ano pra escolher o doador. Com 27 anos estava pronta pra ter filho, mas não pronta financeiramente. Então, aos 30 anos, começou o processo para ter o filho. Mas, quando estava com 32 anos, o relacionamento chegou ao fim.

“Não foi só a perda do relacionamento, foi a perda do projeto de família que era muito importante pra mim. Foi apenas duas semanas antes de eu fazer inseminação.

Ela conheceu então Ana Cláudia. Casaram-se e decidiram ter filhos. Chegaram à conclusão que cada uma iria gerar uma criança. E então, ela foi primeira mulher no Brasil a ter um filho dentro de um casamento lésbico ao fazer inseminação artificial com doador de sêmen. Quatro anos depois, foi a vez de sua mulher na época, Ana Claudia, também engravidar do mesmo método.

“Eu gerei o André, ela gerou a Anna Laura. Mas um relacionamento homoafetivo tem os mesmos problemas que qualquer outro. Quando o André tinha cinco anos e Anna Laura tinha quase um ano, nós nos separamos”, diz ela mostrando as fotos de seus filhos com muito orgulho da família que construiu.

Depois, conheceu a atual mulher, Letícia, que morava em Santa Catarina. Depois de quase dois anos se mantendo no Rio de Janeiro por conta dos filhos e vindo para Santa Catarina para visitar Letícia, decidiu viver definitivamente em Itajaí, há um ano e meio. De 15 em 15 dias visita o filho André, de 17 anos, que mora no Rio de Janeiro com os avós, onde estudou no ensino médio e hoje está no curso de Música, e a filha Anna Laura, que mora com a outra mãe, também no Rio.



A adoção

Para a adoção, a conta de famílias interessadas e número de crianças não fecha devido à burocracia e certas preferências dos casais.

“A conta não bate porque muitos casais héteros querem bebês, de determinada cor e gênero. E os casais homoafetivos, em quase 100% dos casos, não fazem seleção de características”, comenta o advogado Otávio Zini.

Foi o caso de Eliete Olga dos Santos, de 58 anos e de Marta de Castro, de 51 anos. Há quase 21 anos juntas, conseguiram há pouco tempo a guarda da filha, de 14 anos. Antes sobrinha-neta e afilhada de Eliete, agora a menina a chama de mãe. Eliete, ou Teia, como prefere ser chamada, conta que os pais biológicos da menina tiveram problemas pessoais e as duas decidiram adotar.

“A criação é um processo difícil, mas estamos lidando aos poucos com ela, conseguindo moldar”, diz a carioca Teia.

Teia é filha de pais itajaíenses. Seu pai era da Marinha e foi transferido para o Rio de Janeiro, por isso ela nasceu lá. Depois de anos voltou para Itajaí e, numa festa de aniversário, conheceu Marta. Apesar da timidez de Teia, elas conversaram a noite toda. Perderam o contato e, depois de meses, Teia descobriu que trabalhava no final da rua onde Marta morava. Foi assim que voltaram a se falar e começaram a namorar. E nunca mais se largaram.

Questionada sobre o preconceito, ela é enfática. “Hoje dificilmente sofremos preconceito, acho que pelo fato de ter cabelo branco ajuda porque respeitam mais, né?”, conta ela no meio de uma gargalhada.

Aposentada, Teia conta que parou de trabalhar cedo por conta de problemas de saúde gerados pelo trabalho excessivo pegando peso. “Parei de trabalhar com 47 anos e tive dificuldade de conseguir serviço, por conta da idade. Foi aí que apareceu a depressão. A Marta que é uma guerreira, que me levanta muitas vezes”, fala agradecida, com um sorriso sincero no rosto.

Teia não tem dúvidas do que quer na velhice. “Nessa altura do campeonato a gente só quer sossego”. Ela não sabe, mas também descreveu o desejo de Fernando, Luiz e Ana.



BAILE COM A VIDA

Festas com música e dança se tornam uma terapia para quem resolve dançar com o tempo

// Texto *Juliana Bendini*

O silêncio é quebrado no momento em que dou o primeiro passo na escada. O primeiro som me remete a comemoração, felicidade, júbilo. Algo que é encontrado nas faces presentes daquele local. Quando tento fazer uma visão panorâmica, percebo a quantidade de pessoas e a sua faixa-etária.

Ao sair da zona de conforto e da comodidade, algo pode parecer estranho, porém intrigante. Um novo som, novos rostos, vozes, cores, movimentos. Para alguns isso pode ser considerado perda de tempo, mas para outros pode ser a solução dos problemas.

Estelita Teixeira, de 81 anos, se encontrou nessa situação. Após se divorciar do ex-marido, a aposentada se viu em um momento de tristeza e solidão. Não possuía vontade de fazer nada além de se manter dentro de casa. Entretanto, com o auxílio da filha mais velha que mostrou preocupação ao ver a maneira como a mãe se encontrava, dona Lita se sentiu motivada a experimentar algo novo.

O que seria algo novo? De acordo com Lita, a novidade se tornou um antídoto para a dor que sentia: o baile da terceira idade. Ela foi em busca das amigas que já freqüentavam o local e recebeu delas ajuda e suporte para começar a comparecer aos bailes com mais freqüência. Percebeu naquele local um sentimento diferente. As risadas lá eram comuns, as músicas eram um alívio para os ouvidos e um conforto para o coração. Seu humor mudou drasticamente.

As músicas são tocadas ao vivo com bandas típicas, ou seja, o som não é algo incomum. A festa tem início logo após o almoço

e se mantém no mesmo ritmo até tarde da noite. É perceptível a felicidade no rosto de quem entra e a satisfação de quem deixa o local. Ao olhar pro lado percebo um senhor se curvando a uma senhora com um batom extremamente vermelho e um sorriso envergonhado. Ela atende ao pedido dele e se levanta para ser guiada até a pista de dança.

A pista está sempre lotada. Dos lados, inúmeras mesas para dois ou mais, vazias, pelo fato de todos estarem dançando ao som do sertanejo raiz. Mesmo estando escuro, a luz em vermelho neon se destaca. Sou observada por olhos curiosos como se estivessem dizendo “o que essa moça novinha está fazendo aqui?”. Porém, as faces desconfiadas se tornam sorridentes em questão de segundos.

Trajes modernos ou tradicionais, senhores bem perfumados e senhoras bem maquiadas dançam no ritmo da música. Quando lenta, percebo o casal abraçado balançando como se houvesse uma brisa os soprando. Quando o ritmo acelera, os movimentos continuam dóceis e gentis, acompanhados de altas gargalhadas.

Russi, o dono do baile “Sociedade Fazenda”, em Itajaí, afirma que a ideia do projeto surgiu através de uma pesquisa que mostrava o interesse dos idosos por esse tipo de atividade. Nessa faixa-etária é comum a procura de eventos para des-

contrair, se exercitar e buscar amizades e diversão.

Essas também foram as palavras de Estelita ao justificar o comparecimento constante aos bailes. “Eu sou idosa, mas não sou velha, velho é algo que já podemos jogar fora, mas estou inteira e devo aproveitar todos os momentos possíveis”,



É perceptível a felicidade no rosto de quem entra e a satisfação de quem deixa o local.



{relacionamento}

AMOR SEM TEMPO

As pessoas pensam que o relacionamento acontece somente com os jovens e até ficam surpresas ao ver os idosos namorando

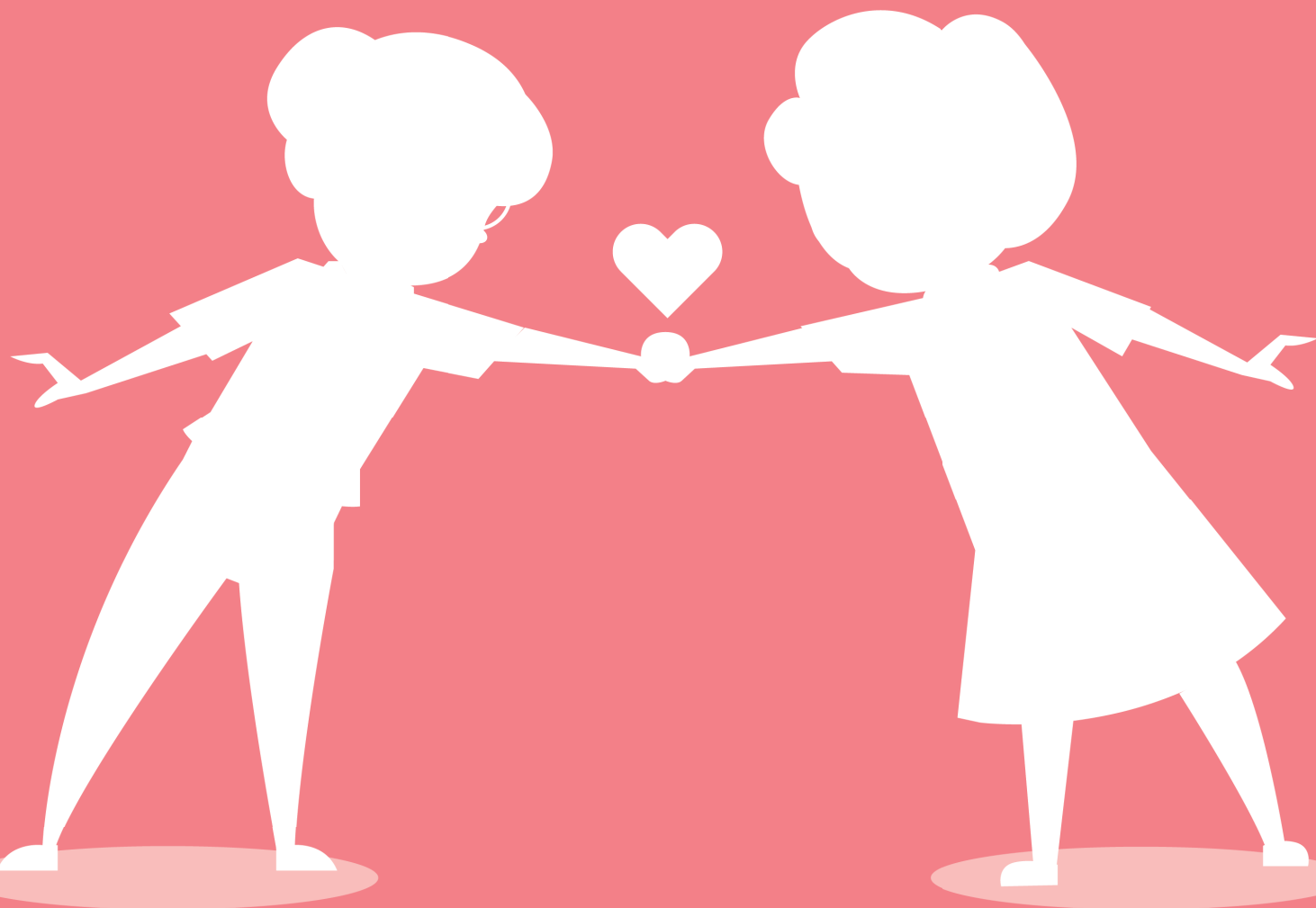
// Texto *Marcela Engel*

Acima de qualquer tabu e timidez, namorar quando se está em uma fase mais experiente da vida é resgatar o amor com novas formas e menos tensões. Por isso, para muitos, a idade não é um problema. Todos devem ser felizes, até porque o ser humano não foi feito para ficar sozinho.

As pessoas pensam que o relacionamento acontece somente com os jovens e até ficam surpresas ao ver os adultos namorando, por causa da cultura existente na

sociedade, em que os mais velhos são vistos como “incapacitados” de várias funções, dentre elas a sexual/amorosa

O país conta hoje com 210 milhões de habitantes. Desse número, 19% são idosos. O volume é superior ao percentual de crianças, 12,9%. Esse cenário provoca mudanças, também, no comportamento da sociedade, com os idosos mais ativos e independentes. O namoro aos 65 anos se torna uma realidade nas famílias.





Olhares que se cruzaram

Dona Maria de Lourdes de Sousa Rebello e Arnaldo João Rebello foram apaixonados um pelo outro desde sua adolescência. Maria, na época com 14 anos, era proibida pelo seu pai de estar com um homem quatro anos mais velho. “João trabalhava em uma fábrica de móveis. Um dia quando estava passando por ali, eu que não sou boba, dei uma espiadinha para ver quem estava por lá. Nossos olhares se cruzaram e dali em diante nunca nos esquecemos,” comenta.

Mas o destino às vezes nos prega peças. Arnaldo se casou em 1963, no mesmo ano em que a dona Lourdes. Ela em agosto e ele em setembro. “Nossas primeiras filhas se chamam Silvana,” relembra, com muitas risadas. Após dez anos do falecimento de seu marido, os filhos da senhora mais desinibida do bairro, queriam que ela voltasse a se encontrar com alguém para não ficar sozinha, mas ela só se casaria novamente se achasse sua paixão há tanto tempo perdida. “Minha amiga conhecia o Dinho, seu apelido, e acabou conversando com ele sobre mim.”

Foi em um sábado à tarde, assistindo o programa Raul Gil, que o celular toca e escuta aquela voz... “Meu

coração acelerou, logo já o reconheci. Marcamos de nos encontrar em um jogo de bingo que estava tendo perto da minha casa. Eu me vesti toda pomposa, ainda pensando o que ele diria sobre isso. Porque já tinha certeza do que eu queria, mas e ele?”. Naquela noite riram até a barriga doer. Desde então, há sete anos, os dois moram juntos.

Seu Arnaldo, sempre muito romântico, decidiu fazer um casamento surpresa para sua mulher. Aproveitou que iria ter uma festa junina na CMU, Centro de arte e lazer e Centro de Convivência do Idoso, reuniu os amigos e família para fazer um casamento caipira, mas verdadeiro! Comprou as alianças, penteou os cabelos, colocou o melhor terno e a esperou no altar. Por sua vez, a Maria se arrumava com um vestido de noiva alugado achando que seria só mais uma brincadeira. “A ficha caiu quando ele me mostrou as alianças e na mesa do padre tinha um frei para abençoar nossa união! Sem

dúvidas eu disse sim. Casamos. Finalmente realizei o sonho da minha vida, casar com o cara que eu amo”, finaliza ela com os olhos brilhantes.



*Finalmente
realizei o
sonho da
minha vida,
casar com o
cara que eu
amo.*



Inteligência emocional

De acordo com uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, os idosos têm a mesma capacidade de sentir afeto e emoções para entrar em um romance quanto os jovens. O que difere esses casais em fases distintas da vida são as expectativas. No caso dos mais novos, eles esperam que o futuro seja longo e repleto de amor, construtivo, investindo suas expectativas nessa ideia. Já os mais velhos se baseiam em experiências passadas para determinar se a relação será positiva ou negativa. É nessa fase que estamos realmente maduros para viver uma jornada mais tranquila e prazerosa.

Com a idade, as pessoas tendem a ganhar inteligência emocional, respondendo por exemplo, com mais empatia a eventos ou estímulos tristes, e consegue, ainda, reconfigurar essa informação de modo positivo.

Dois leoninos, um comunicativo e o outro mais tímido, após perderem seus companheiros e passarem por outros relacionamentos, puderam amadurecer e compartilhar suas experiências juntos.

Havane Pezini Machado, 63, e Sérgio Bento Dionísio, 50, não imaginavam que em dois anos suas vidas virariam do avesso. Ela ficou viúva e não pensava em engajar outro romance. Gostava de dançar, curtir e sair com as amigas. Nesse meio tempo foi morar na cidade de Santa Lúcia, conhecendo Maria, irmã do Sérgio. Só que ele era casado e ela só sabia incomodá-lo com sua timidez. “Nossa história é engraçada. Após o falecimento da esposa dele, minha amiga estava desesperada em encontrar uma nova namorada para o Sérgio. Pensou em nos juntar. Dizia que os opostos se atraem, já que eu era chamada de patricinha

e ele sempre um ograço,” comenta Havane.

Bento sonhava em namorar alguém mais velho que ele, por isso, não deixou aquela oportunidade escapar. “Ela foi um anjo na minha vida, tudo para mim. Lembro-me de ser viciado em jogo, e percebi que ficava muito tempo longe do meu amor, acabei parando.” Disse em um tom mais baixo, quase como se existissem só eles naquela sala. A meta, agora, é se casarem na igreja.

Os dois se denominam como amor e carinho. “Mesmo eu parecendo uma pessoa dura, sempre me preocupo com ele. Estamos muito além do nosso tempo. Depois de tantas pessoas passando pelo nosso caminho, aprendemos que a fórmula de se manter juntos é o respeito e paciência. Sempre nos mandamos mensagens, fazemos ligações por chamadas de vídeo, gostamos de nos ver e demonstrar o que sentimos,” termina, abraçando-o.

Para a psicóloga Gisely Farias, assim como em todas as fases da vida, o relacionamento interpessoal é fundamental para o desenvolvimento saudável de uma pessoa. Cidadãos socialmente isolados podem acelerar o declínio físico e cognitivo.

Alguns benefícios

- Reduz os níveis de ansiedade;
- Diminui os riscos de depressão;
- Reduz o sentimento de fragilidade e solidão;
- Aumenta a produção de endorfina;
- Estimula o convívio social.





Sexualidade

Gisely explica que chegar à velhice está longe de significar que o sexo acabou. A vida sexual melhora o bem-estar e os ajuda a aproveitar melhor a vida. “Uma vez li em um texto que, não é a idade que determina a ausência do desejo e, muito menos, a ausência ou a presença de relações sexuais. A sexualidade pode encontrar caminhos inéditos nos quais o desejo, que não morre, encontra outras maneiras de inscrição. Os romances podem mudar, de acordo com a percepção de cada pessoa acerca dela, e podem se tornar melhores ou piores, como quaisquer relações,” explica.

A família tem um papel fundamental nesse processo. “As ações sexuais tendem a ser mais satisfatórias para as pessoas mais velhas, quando elas reconhecem que é uma atividade normal e saudável. Para isso, o apoio dos familiares é essencial, considerando as necessidades de cada um,” responde a psicóloga.

Com 65 anos, Maria Elena Bertani morou metade de sua vida em Curitiba. Dona de uma oficina de radiador, hoje seus três filhos são a terceira geração que cuida de seu negócio. “Eu tinha uma vida muito boa com o meu falecido marido. Sempre pude comprar o que queria, fazer o que tinha vontade. Viajei muito,” recorda. Por estar muito sozinha em casa, após o falecimento de seu marido, resolveu participar de um grupo no Facebook, “Os Alegretes Desgarrados”, onde os amigos de infância se reencontram. Foi ali

que o Jerson, motorista de caminhão, por acaso, viu um comentário da Elena avisando que iria morar em Itajaí. Sem perder tempo, lhe enviou solicitação de amizade. “Eu olhei a foto dele com chapéu, parecia um gangster e dentro de um caminhão. Eu pensei: ‘Meu Deus como ele me conhece?’. Aceitei o pedido de amizade e dali ficamos conversando por três meses,” mostra as conversas no celular.

Março, abril, maio, junho, julho e agosto se passaram apenas com trocas de mensagens até que Elena tomou coragem para ir visitá-lo no Rio Grande do Sul. “Acabei me acidentando com o carro e o Jerson, muito preocupado, foi me socorrer. Ali pude ver o quanto ele é zeloso e como cuidaria de mim,” lembra Maria Elena, emocionada.

Mais um ano se passou desde o ocorrido. Em julho, os dois combinaram um mês juntos na cidade de Itajaí. Nunca mais foram embora. Com um dinheiro na poupança, dona Maria pediu para Jerson não voltar para as estradas. Comprou um guincho para ele poder ficar sossegado e trabalhar na cidade. “Eu chutei o balde para ficar com esse homem. A vida que eu tinha só fica nas memórias. Vivemos do dinheiro que ele tira das encomendas. Claro que nem tudo é um mar de flores, temos brigas como todo o casal, mas sei que quando eu precisar, ele estará lá,” termina ela pedindo licença para atender uma ligação dele.



Eu chutei o balde para ficar com esse homem. A vida que eu tinha só fica nas memórias.



OITO DÉCADAS DE UMA ROTINA

As memórias e histórias de um trabalhador que está no Livro dos Recordes

// Texto *Marcelo Gouvea*

Com envelhecimento da população, idosos buscam espaço no mercado de trabalho. Ofertas para o público com mais de 60 anos costumam ser para funções operacionais. Recordista e especialista destacam necessidade de adaptação às tecnologias

“Estou vivo porque trabalho” é o início da frase que o leitor verá na primeira orelha do livro Walter Orthmann, publicado em 2018, em comemoração ao reconhecimento dado ao brusquense de 97 anos. Pelo Guinness World Records, ele é o trabalhador com mais tempo em atividade no mundo. “Seu Walter, como é chamado por colegas de trabalho e diretores, mantém alguns exemplares e uma placa em alusão ao título na sala onde cumpre sua jornada diária, na RenauxView, há 80 anos.

Ao entrar no espaço, a primeira surpresa não é a honraria, mas a disposição do homem em anotar todos os controles de compras, vendas e preços nos cadernos devidamente identificados. Outro ponto que chama a atenção entre canetas, amostras de tecidos, muitos cliques e uma calculadora é a ausência de computador.

Engana-se quem pensa que ele é avesso às tecnologias. Na rotina diária, prefere usar um tablet para o controle dos estoques da empresa de tecido. Tudo em tempo real. Alega praticidade de transporte e atualização mais ágil, mesmo que acredite conseguir se localizar melhor em suas anotações. O smartphone também é mais utilizado que o telefone de mesa, já amarelado pelo tempo.

Para ele, apesar da idade, a atualização perante a tecnologia e às novidades do setor foi essencial para que se mantivesse útil. Como filho de operários da tecelagem, estudou durante sete anos e começou a trabalhar já aos 15. O registro de número 130 é uma das provas que foi um dos primeiros contratados pela empresa, única onde trabalhou ao longo da vida.

Brinca com o fato de ser o único na empresa a conhecer todo o processo de produção e comércio. Tanto que, em uma das últimas das 12 trocas de diretoria que ele presenciou, teve que assinar um contrato para garantir mais 15 anos de atuação. Ainda restam pouco mais de um ano para o vencimento do prazo.



Pelos olhos de Orthmann

Muito antes do Guinness e do nome ganhar o prefixo “seu”, Walter Orthmann via um ambiente de trabalho muito diferente do atual. Segundo ele, com a evolução tecnológica, a tendência é que mais pessoas acima dos 65 anos voltem para o mercado de trabalho. “Elas precisam voltar. Hoje, o aposentado não vive só com o dinheiro da aposentadoria”.

Em referência à atuação que tem na empresa, destaca a contribuição da experiência na rotina das corporações. Além do conhecimento técnico, Orthmann acredita na capacidade técnica e que a própria contribuição da experiência de vida dos idosos seja importante para o ambiente das equipes e trabalho.

A capacidade de adaptação às mudanças, a postura de responsabilidade, segundo ele, é outra característica importante e valorizada pelas empresas. Ele próprio precisou se reinventar ao longo da carreira. Quando começou, pouco sabia de português, pois havia sido alfabetizado em alemão. Também investiu em capacitação para o trabalho de office boy, sua primeira promoção, após oito meses na

expedição da fábrica. Pelas conferências do jovem Walter passavam os pagamentos dos 400 funcionários da época, levados de bicicleta entre o banco e a fábrica.

A superação das dificuldades impostas pelas atividades manuais, afirma, dava confiança para os profissionais dos seus primeiros anos de atuação. Outro fator que ele destaca era o compromisso existente com o desenvolvimento da empresa. “Hoje, muitos querem trabalhar suas oito horas e acabou. Eu fazia meu trabalho, já olhando o que poderia ajudar no outro”, lamenta. Foi esta dedicação que levou ele para o setor de faturamento e, mais tarde, para as compras da companhia.

Ele reconhece que existem dificuldades para o idoso encarar a competitividade do mercado atual, mas indica a maior facilidade de acesso ao conhecimento e cursos de atualização. “O que se fazia antes, não dá mais para fazer hoje. O idoso tem que acompanhar o ritmo. Tudo muda muito rápido hoje, é tudo mais perfeito, mais rápido, com mais concorrência. Todo dia o mundo está se modificando e, assim como os novos, eles precisam acompanhar”.

Demanda em alta

A busca por emprego formal no mercado brasileiro tem registrado um crescimento por pessoas com mais de 65 anos. É o panorama que mostram os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), da Secretaria do Trabalho, do Ministério da Economia. O número de trabalhadores nesta faixa etária subiu 43% em cerca de quatro anos.

Entre os motivos para o alto número de idosos no mercado de trabalho estão fatores como o envelhecimento da população.

O IBGE registrou, em 2018, a maior longevidade da história do Brasil. Em média, o brasileiro passou a viver 76 anos. O cenário de uma população com mais tempo ativa se reflete na procura por oportunidades para o setor. Gerente geral da Top RH, de Itajaí, Matheus Koagura afirma que a busca de idosos por processos seletivos tem aumentado.

As motivações, segundo ele, vão desde a vontade em se manter ativos, quanto à necessidade de auxílio na renda familiar. Para o especialista, a busca por pessoas com mais de 60 ou 65 anos também é uma tendência para a oferta de vagas, ainda mais quando levado em conta o perfil pessoal de pessoas desta idade.

A maior parte das vagas para idosos na região costumam ser para postos como em funções operacionais, como auxiliar de logística, serviços gerais, encanador e motoristas. Em casos menos recorrentes também há a abertura de seletivas para funções gerenciais.

Na avaliação dele, o perfil dos idosos se destaca justa-

mente por não apresentar problemas comuns entre os profissionais mais jovens da função como faltas e a alta rotatividade. Um dos motivos, segundo ele, está no estilo de vida mais tranquilo dos idosos, além da forma como encaram o trabalho.

“Eles dão uma valorização maior ao emprego, são mais comprometidos. As empresas investem muito em capital humano. Poucas vão querer investir tempo e dinheiro em uma pessoa para ela sair por qualquer possibilidade”, resume.

Os processos seletivos voltados exclusivamente para pessoas idosas ainda são uma realidade distante. Os processos costumam pedir um período mínimo na função, mas sem especificar a idade dos concorrentes. O máximo que ele presenciou em sua experiência em processos de seleção é o cliente solicitar idades mínimas para a vaga. A distinção é mais comum em processos para cargos de liderança e gestão de equipe.

Entre as dificuldades mais comuns está a adaptação às novas tecnologias. No dia a dia da agência, Koagura percebe a limitação já no processo de cadastro dos currículos.

Devido ao banco de dados, versões impressas do documento não são aceitas, o mesmo vale para arquivos em PDF. É preciso fazer o cadastro pelo sistema específico da agência. Como muitos dos candidatos com mais de 60 anos apresentam esta limitação, é comum que funcionários prestem este auxílio. “No mercado, muitas destas pessoas possuem uma grande experiência, mas não estão ligadas a funções como estas”.



Eles dão uma valorização maior ao emprego, são mais comprometidos.



UMA CASA DE LEMBRANÇAS

A rotina de pequenos prazeres e aventuras em um lar de idosos

// Texto *Isabeli Nascimento*

Os vincos na pele macia demarcam o passar do tempo e o acúmulo de lembranças, assim como as paredes de cores neutras e os sofás em forma de L no largo aposento são a prova fria do esquecer daquelas idosas sentadas com olhos fixos na televisão ligada no canal Viva, apresentando a reprise de uma novela antiga. Reinaldo Gianecchini beija uma atriz e as mulheres da terceira idade suspiram, apesar de já terem visto a mesma cena antes. A exceção é a idosa sentada na poltrona marrom no canto mais distante. Ela mantém os braços junto ao corpo pequeno, a manta lilás fina a lhe cobrir os ombros e a expressão resignada focada ao nada. É ao lado dela que me sento.

“Uma das nossas senhoras sãs”, dissera o sócio proprietário do Lar de Idosos Vó Adele. Perguntas simples como nome, idade e clima são prontamente respondidas com “não sei” e um mover incomodado. Eu era apenas a estranha que entrou em sua “casa” e começou a fazer perguntas. Não era sua médica ou alguém familiar, apenas uma garota desconhecida cheia de perguntas.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 2012 e 2017, o número de homens e mulheres com 60 anos ou mais nos albergues públicos cresceu 33%, de 45,8 mil para 60,8 mil. Porém, a pesquisa considerou apenas as instituições que recebem auxílio do poder público. Em complemento, a pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) estima o número de 100 mil idosos em abrigos públicos e privados no Brasil.

O simpático proprietário do lar Vó Adele, Rauner Farias, de 49 anos, ainda carrega consigo o ideal inicial ao abrir o lugar. “Lar é diferente de asilo. Aqui temos uma relação de família. Não há nenhum idoso aqui que seja abandonado.” No entanto, ao sentar ao lado de Trude, a senhora de oitenta e um anos murmurou tristemente: “Estou abandonada”. Melancolicamente sua fala ecoou nas respostas das outras idosas em conversas baixas, poucos minutos depois.

Dona Trude tem cinco filhos. A primeira cuidou dela por um ano e dez meses, até as cores do marido, do filho de dez anos e de sua garotinha de vinte e quatro dias serem levadas pela morte, deixando o mundo da primogênita mergulhado na depressão. Então, o quarto filho acolheu a mãe. A nora saiu do emprego para dedicar seu tempo a ela e a sua própria saúde. Entretanto, a doença da mulher tornou-se mais grave do que a de Trude e, assim, ela despediu-se do lar de mais um filho após um ano e seis meses. O terceiro filho é sozinho, a quarta bipolar e a quinta imersa em seu próprio vício por drogas.

Para alguns, como Aldemir, o filho da senhora com pijama branco e de poucas palavras, a separação é uma decisão pensada demoradamente e tomada como última opção. Mais de um ano depois, o homem alto de olhos escuros como os da mãe entra na sala sem bater, familiarizado com o cômodo e com visita autorizada através do interfone no portão. Ele segurou a mão da senhora com carinho e murmurou algo antes de perguntar porque ainda não estava pronta. Uma cuidadora surgiu e levou-a para outro cômodo, enquanto ele ocupou seu lugar no sofá. Os ombros curvando-se cada vez mais e os olhos voltados ao chão, talvez questionando se aquele seria seu “lar” no futuro.

“Para onde ela vai?”, perguntou uma senhora curiosa ao lado de Trude. “Ela vai passear. Vai fazer raio-x do peito por causa da tosse.”

Pareceu-me tão estranha a animação e referência de hospital como passeio. No entanto, basta tão logo a empatia surgir novamente para notar que para pessoas acostumadas a passar os dias em meio às mesmas paredes bege, as frias paredes brancas e objetos esterilizados de um hospital se tornem passeio ao lado de quem se ama. O pesar vem quando esse passeio tem seu final destinado ao fechar final de olhos, como foi o caso de Amélia, a primeira moradora do Lar Vó Adele. Em fevereiro deste ano ela faleceu, deixando para trás lembranças e lágrimas aos olhos de Rauner ao contar sobre ela.



Lar é diferente de asilo. Aqui temos uma relação de família. Não há nenhum idoso abandonado.





Comodidade

Há outra viúva na casa, Maria Madalena, mas esta parece mais desapegada às memórias do falecido marido. Ela optou por não usar a aliança e o cita brevemente quando recorda que já morou sozinha por nove anos após sua morte. Maria Madalena Vieira, de 84 anos, mais conhecida como Lena, é uma moradora parcial da casa. Passa os dias no lar e as noites e fins de semana em casa. Segundo o Rauner, Lena é o exemplo da comodidade do lar. Estava ali porque queria. Porém, ao conversar com a leonina, a história alterou-se. Apesar do bom humor ao falar de seu mapa astral e pequenos detalhes de seu cotidiano, ela também citou o desejo por conseguir logo alguém para ficar com ela durante do dia. “Gosto mais de ficar em casa. Afinal, casa é casa.”

Com três filhos, tem também bisnetos na Itália e fala orgulhosa durante quase uma hora sobre os membros da família. O neto que mora em Florianópolis, a filha que a levou para Dionísio Cerqueira (cidade que faz divisa com Argentina), o neto que é maior do que ela, a filha que mora em Blumenau, a neta que vai fazer aniversário e uma dúzia de outros nomes e histórias.

Lena é a única que não usa a palavra abandonada, mas também é a única que tem uma casa com seu nome para voltar todas as noites e fins de semana. Ainda assim, apesar de tudo o que eu soube sobre ela, sei que há muito mais, assim como há muito mais do que abandono em cada uma das vinte e quatro mulheres daquele lar. Quando o sol já havia se posto e a chuva cessado, despedi-me de cada uma delas e, antes de atravessar as portas de correr da saída, prometi voltar, assim como alguns de seus familiares e, assim como alguns deles, ainda não voltei.

Há música

Todavia, ainda há música em meio aos corredores da casa, provindas da sorridente e vaidosa Elvira, de 84 anos. Sentada na poltrona mais a leste da sala, ao lado da televisão, onde todas podem vê-la, a idosa de cabelos pintados de negro contou sobre lembranças de baile sem que eu precisasse impeli-la. “O pai dizia que era vergonha uma mulher como eu, além de ir para o baile, passar batom. Toda vez que ele via me mandava direto para casa para tirar antes de ir.” Afóra esta exigência do pai, ela conta que os três irmãos mais velhos sempre arranjavam um jeito da menina ir e aprender um pouco mais sobre tocar acordeão. Os olhos brilham com a menção à música, enquanto passa a falar sobre notas e dança. “Meu Deus! A hora que eu melhorar da perna eu vou dançar de novo. Aí você vai ver.”

A conversa fluía de modo leve e ritmado, até os olhos de Elvira nublarem-se, a voz diminuir e a frase “estou abandonada” ressoar novamente pelo local. Mais uma vez a sala parece silenciar-se, como se cada marca nas feições das idosas acrescentassem um assentir àquela dolorida afirmação. Ela tomou minha mão e comparou nossas peles, olhou meu anel, usado como lembrança, e mostrou suas duas alianças no anelar. “Eu era casada, mas ele se foi para um lugar melhor... Eu fiquei aqui.”

